

Revista MATTO-GROSSO

De SCIENCIAS, LETTEAS, ARTES E VARIEDADES

Terremotos na Itália



Umensa é a dôr que sentimos ao noticiar nas paginas desta Revista a catastrophe de Messina e Reggio Calabria.

Hoje um traço negro se nos afigura traçar sobre os mappas da bella Ausonia, signal do lugubre flagello que alli passára victimando impiedoso, hecatombes de seres humanos.

Os monumentos erguidos pela piedade christã, as formosas ruas, as encantadoras praças, os jardins deliciosos, os soberbos palacios em que dictavam leis as riquezas e os prazeres, o ultimo casebre do proletario onde governam a pobreza e as dôres como a tyrania vencedora que se compraz em ouvir os gemidos das victimas atadas ao carro triumphal, — iguaes o sceptro e o cajado — tudo se transforma em fria campã onde reina a morte.

«Palni, Bagnara, Stefanaconi, Riposto aos centenaes numeram seus mortos»

«As Scillas e as Cariddes, Reg-

gio, a gloria antiga da Magna Grecia, tanto mais dolorosamente batida, quanto mais cuidadosamente o mar occulta a sua horrenda desventura!»

Uma voz tremenda de lamentos sac daquellas regiões que a Italia considera entre as mais queridas.

Compartilhando a dôr universal depositamos sobre aquelles escombros uma humilde corôa que signifique o nosso pesar.

A' mente afflue^{***} idéas pavorosas ao lembrar que o Etna o Mongibello e o Vezuio tantas vezes açoitaram a Italia.

O Etna, no seculo passado, durante os annos 1802, 1805, 1809, 1811, 1829, 1832, 1838, 1842, 1843, 1852, 1863, 1865, destruiu, com suas erupções, formosas florestas, cobrindo de lavas 9 kilometros quadrados. Após estas vieram as de 1868, 1869, 1878, 1879, 1883 e finalmente a do anno passado cujos estragos foram enormes. Deu-se na manhã de 28 de Dezembro.

O professor Riccò, director do observatorio de Catania, disse que de um seculo a esta parte, não ha

memoria de abalo semelhante. Pelo effeito produzido, não foi senão um; mas em realidade foi uma serie distincta de abalos com brevissimo intervallo uns dos outros.

Os aparelhos daquelle observatorio registraram 43 choques e a maior parte com poucos segundos de intervallo.

O municipio de Lazzaro não existe mais, só ficaram os restos de uma casa como funesta lembrança. O aspecto de Reggio Calabria é desolante!

Toda a parte baixa foi reduzida a um cumulo de ruínas. E a pobre Messina? Tudo é horror! A realidade supera a mais disparatada supposição. Todos os magnificos palacios privados, os albergues e edificios publicos do Corso Garibaldi foram reduzidos a massa informe. O theatro Vittorio Emmanuele foi destruido desde os fundamentos, arrastando na sua queda o Circolo della Borsa e o Circolo di Lettura. Do palacio dos tribunaes, da egreja dell'Annunziata e do palacio da Prefettura restam somente, como vestigio do que foram, alguns muros mal firmes.

Na praça da Immaculada só ficou intacta a estatua de Maria S. S. que talvez quiz permanecer para lenitivo dos sobreviventes que ainda alimentassem sentimentos de piedade.

A casa salesiana S. Luiz foi destruida; e os muros que serviram de abrigo a tantos orphãos foi convertido em tumulo para 9 salesianos e 38 alumnos!...

E' indescriptivel o terror occasionado pela catastrophe: imaginemos desabarem-se os tectos e lavrar o fogo sobre os escombros; em varias partes o mar em ressacas furiosas espalhar-se, completando a scena de destruição!

Nas scenas desoladoras é que se

observam actos de heroismo, de caridade, melhor apreciados pelos mais competentes. O Rei e a Rainha visitaram pessoalmente os logares desolados, soccorrendo os infelizes, dos quaes muitos quasi alienados gritavam: «Temos um rei, mas perdemos tudo!...»

Alvaro Guerra assim se exprime a respeito da rainha Helena:

«Tenho estado a pensar no excellentissimo assumpto que a um poeta de raça, offereceria essa angelica figura da Rainha Helena, a transitar, como si fôra a propria Caridade personificada, por entre os escombros de Reggio-Calabria e Messina. O ineffavel nimbo de santidade que agora, gloriosamente, aureola o vulto sereno e angusto da meiga soberana, faz-me lembrar Isabel de Portugal, a Rainha Santa, de cuja vida, toda entrelaçada de poeticas legendas, trata Alberto Pimentel no seu delicioso *Livro das flores*.

Eu, si fôra pintor, mas pintor de merito, tentaria representar suggestivamente, numa tela monumental, aquella scena heroica, de uma belleza antiga, narrada, ha dias, lconicamente, pelos jornaes. Recordam-se? A formosa e bondosissima soberana, para abrigar uma mulher do povo que, allucinada, transida de frio e de pavor, em nudez quasi absoluta, ia fugindo á horripilante hecatombe, não hesitou em despir o seu sumptuoso manto e, com elle, caridosamente, envolveu a misera foragida.

Com franqueza: Homero, nas suas epopeas geniaes, não poderia apresentar-nos um quadro de mais bello, luminoso e imponente relevo épico.»

O Rei Vittorio Emmanuele publicava ao depois o seu proclama, todo reconhecimento:

«Ufficiali, Sott'Ufficiali, Caporali e Soldati del R. Esercito e della R. Marina.

Uma terrível catastrophe ha devastado una gran parte del territorio italiano, distruggendo due grandi città della Calabria e della Sicilia.

Ebbi ancora una volta l'occasione di comprovare personalmente il nobile slancio dell'Esercito e dell'Armata, strenui cooperatori dei loro ufficiali nei magnanimi sforzi, che coi valorosi ufficiali e gli equipaggi delle navi estere compiono una sublime opera di pietà, strappando fra le rovine che minacciano crollare, con atti di vero eroismo, gl'infelici sepolti, curando i feriti e prestando amorevole assistenza ai superstiti.

E' ancor vivo in me il ricordo dello spettacolo di miséria che mi ha profondamente commosso e nell'animo mio rimarrà incancellabile e vivissimo il sentimento di ammirazione, che esprimo all'Esercito e all'Armata.

Il mio grato pensiero si volge egualmente spontaneo agli Ufficiali e agli equipaggi delle navi russe, inglesi, tedesco e francesi, che hanno dato ammirabile esempio di solidarietà umana e all'opera benefica hanno dato cooperazione così generosa e feconda. VITTORIO EMMANTELE.»

Não posso deixar esquecida a veneranda pessoa do S. Padre que muito soffreu com a noticia da horivel hecatombe.

Pio X e os cardeaes offereceram cada um 20.000 liras aos bispos das desventuradas regiões e todas as egrejas da Italia celebraram solennes funeraes pelas victimas. Em Roma, durante as funcções houve uma collecta de 50.000 liras e no Vaticano foram acolhidos muitos miseros foragidos aos quaes o S. Padre alimentou e vestiu.

Na abertura do senado italiano, convocado extraordinariamente para votar as providencias reclamadas pela situação da Calabria e da Sicilia, o presidente, num brilhante discurso, descreveu o angustioso golpe que acaba de ferir o paiz e todas as tremendas consequencias;

«Accrescentou que são immensos os socorros necessarios para o restabelecimento dos feridos e para a reconstrucção das cidades flagelladas.

E', no entanto, imprescindível que Messina e Reggio Calabria voltem ao convívio das cidades italianas.

Sobre as ruinas produzidas pelos terremotos scintillaram o raio da caridade partido do palacio real, o raio da fraternidade vindo de todas as provincias e de todas as classes e o raio da humanidade ainda brilha além dos Alpes e além mar.

Levantemos os nossos corações para agradecer aos soberanos e aos chefes de Estado estrangeiros que attestaram a sua amizade e participaram de nossa dôr; aos parlamentos estrangeiros, a solidariedade demonstrada em condolencias affectuosas e ás equipagens dos navios estrangeiros, os extraordinarios serviços que prestaram em soccorro das victimas.

O sr. Giolitti, presidente do conselho de ministros, usou em seguida da palavra e disse que perante tão immensa dôr a Italia teve o conforto de todos os paizes.

O espectáculo dos soberanos accorrendo pressurosos aos logares attingidos pelo sinistro e o heroismo dos soldados buscando com risco da propria vida salvar os seus desgraçados irmãos, a angustia profunda que percorreu todas as cidades, aldeias e povoações, fizeram com que a Italia em peso se transformasse em

uma familia unica, sem divisão de partidos.

Lembra o sr. Giolitti a participação que os estrangeiros tiveram na recente emergencia.

Vincula a humanidade inteira um mesmo sentimento.

Depois disso, o ministro enumera as providencias que o governo solicita do parlamento e pede que o senado considere urgentes as medidas apontadas.

O presidente nomeou uma commissão para estudar o projecto, a qual ficou composta dos srs. Sarraceno, Caetani, Fimalli, Stroli, Giorgi, Durante, Fallegrini, Vecchioerelli e Rossi.»

A nossa patria sempre generosa e hospitaleira acaba de enviar ao Governo Italiano a quantia de Rs. 500:000\$000 e carregamento de viveres.

Em todo o Brasil desde a Capital Federal até a ultima cidade, foram promovidas subscrições em prol dos infelizes, muitos dos quaes de millonarios passaram a extrema miseria.

Eis a subscrição promovida pelo agente consular italiano. Sr. José Orlando, em beneficio das so-

breviventes ao terremoto havido na Italia:

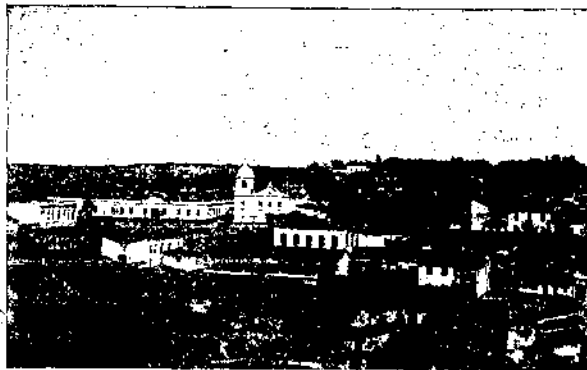
Quantia já publicada	2.728\$000
A Direcção do Lyceó Salesiano	718\$000
Os alumnos externos do sobredito Lyceó	228\$200
Os alim nos internos " "	148\$000
O Oratorio Festivo S. Luiz do Lyceó Salesiano	58\$000
Os alumnos da aula gratuita de lingua italiana do Lyceó Salesiano	138\$000
Total	2.882\$200

«A imprensa fazendo um computo dos donativos diz que serão recolhidos 15 milhões de liras dos Estados Unidos; 10 milhões da America do Sul; 3 milhões da Inglaterra, 3 milhões da França; 1 milhão da Hespanha; 500 mil liras de cada um dos paizes balticos; Suissa, Russia e Belgica; 300 mil da Allemanha e do Japão; 200 mil da Turquia e Austria e 12 milhões da Italia.»

A Italia coberto de immenso crepe pela desditosa sorte de tantos filhos, encontrou na caridade das nações do universo o escudo para enfrentar tantas desgraças. Que Messina e Reggio surgam do seio da morte aos esplendores da vida; em cada escombro se reedifique um palacio.

Outra Messina outra Reggio voltem ao convivio das bellas cidades italianas.

São estes os votos do Povo Brasileiro.



Panorama da cidade de Curitiba.

Cuiabá!



EMOS mais esta vez a ocasião de proporcionar aos nossos benévolo assignantes, mais quatro bellos elichés desta cidade.

A nossa capital possui entre os seus edificios mais importantes, um vasto e pittoresco seminário que demora contiguo a Igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho.

Sim, o Seminario é um solenne attestado, uma affirmação peremptoria, um gesto terminante e decisivo que falla, mostra que em Cuiabá já houve enthusiasmo pelo saber, e maior amor ao estudo fecundo das sciencias e das letras.

Com isto, não desejo depreciar a actualidade, o desenvolvimento da Instrucção de hoje; mas sim dizer, affirmar apenas, que ella deveria estar mais desenvolvida e aproveitada neste canto tão prodigalisado pela natureza.



Morro do Bom Espelho e Santa Casa — Cuiabá

E não é com pouca tristeza que venho recordando o que repericuas vezes tenho ouvido narrar muitas pessoas a respeito de tão util e grandioso fim a que destinaram os nossos avós, em construindo esse monumento em torno do qual esvoaçava a ave da instrucção em éras que se distanciam a pouco e pouco.

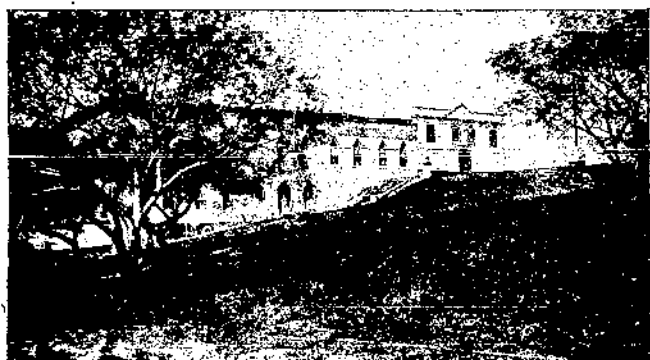
Porém deixemos o pessimismo ao lado, abandonemos essas recordações que se não são tristes ou pouco nos agradam; contemplemos o nosso Seminario, o enxame onde fervilhavam, ha annos passados, alumnos e professores no glorioso afan da acquisição do saber, e que se tornaria vazio e mudo se S. Ex. Rvma.ª D.

Carlos Luiz d'Amour, propugnador acerrimo do bem e do progresso não chamasse os Reymos, Franciscanos, para, guiados pela mesma mira, fundar um collegio, como a representação do éeo do passado, um novo impulso e forte estímulo no presente.

Eil-o branco, no alto como o atalaia de toda uma cidade, a querer vislumbra o inimigo, na bocca escura do horisonte.

altivo, representando a fé como o symbolo á frente—a cruz—e ao lado, comprido, baixo, como para mais amparar os desvalidos, o edificio da Santa Casa de Misericórdia, tão bem dirigida pelo di t acto senhor Eloy Hardmann, representando a caridade.

E a Esperança que é arvore que não cresce, mas que alastra raizes, penetra um e outro monumento. No



Igreja do Bom Despacho e Seminário Episcopal

Os Franciscanos que começam dar-lhe vida, possuem um collegio que prima pela ordem.

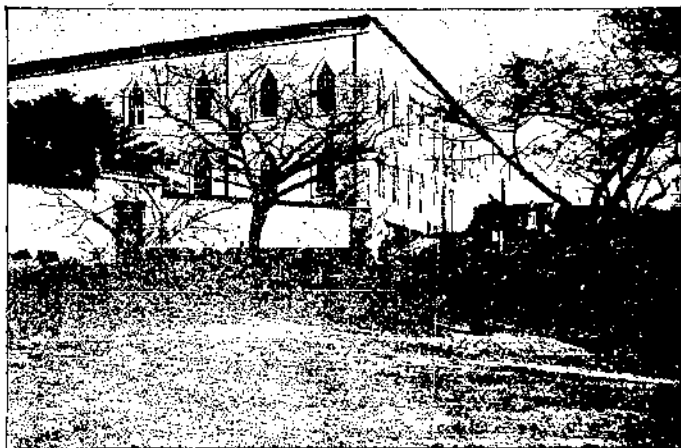
Na parte baixa quasi ao sopé do monte, é muito pittoresco. Arvores ensonbram os lugares, tornando-os frescos, apaziveis; e quando as azas da brisa percorrem espalhando-as, trescala todo o ambiente.

Apreciando-o, bem de longe é outro o quadro: vem-o magestoso,

primeiro—a dos dois grandes idéaes, os lemes que guiam o colossal batel da humanidade—a religião e o saber; e no segundo, a da salvação da molestia que mata e da dôr pungente que tortura.

Cuiabá—13—3—09

O. de Barros.



Seminário Episcopal - Curitiba



Galeria do Seminário - Curitiba

A SANTA IGREJA CATHOLICA E O JUBILEU DE S.S. PIO X

*Tu és Pedro, e sobre esta pedra
edificarei a minha Igreja, e não
prevaricarão contra ella as por-
tas do Inferno. (Math. C. XVI)*

Estas palavras subidas dos lábios do Divino Mestre, ao constituir o pescador da Galiléa, Príncipe dos Apóstolos e Supremo Pastor da Igreja Universal, estão escriptas com letras enormes, no círculo interno do zimbório da Basílica de S. Pedro em Roma, o maior templo do mundo, cuja magnificência tem convertido muitos protestantes, seismáticos e hereges, que, em visita, contemplam admirados aquella obra prima de arte sem igual, exclamando que aquillo não pode ser mentira, mas sim a verdade infallível! Sem duvida nenhuma, assim é, porque, existindo ha 19 seculos, perseguida e combatida por potencias da terra, falsas religiões e por todas as seitas adversas, conserva-se Ella imparvida, qual farol luminoso no meio das ondas revoltas do mar! Em noites de tempestade, relâmpagos e trovoadas medonhas, depois que tudo se acalma, apparece a luz, em cheia, mui clara, magestosa e bella! É a imagem da Igreja combatida!

Que potencia da terra poderá alterar a orbita da lua, mudar suas phases? E' tambem uma figura da Igreja! Muito velha e sempre nova, nitida e sumptuosa no seu apparato e ornamentação, que assim conserva a Igreja central da Christandade? Aquelle mesmo que, adormecida na barca de Pedro, e sobrevindo grande tempestade, foi por este chamado, e, com simples accão, fez serenar o vento e o mar! E' o Jesus da Ceia no Cenaculo, que, instituindo o Sacramento de seu amor, na vespéra de sua Paixão e morte, promette assistencia permanente até a consummção dos seculos!

Está adormecida no Sacratio d'aquelle magestoso Templo, e sempre prompto a acordar o chamado de Pedro, rediviva 264 vezes em Pio X!!!

Oh! Maravilha incomparavel da grandeza do Deus, na sua obra prima sobre a terra!!!

Desse centro de uniao e de accão, irradiam-se os Cardeaes, Patriarchas, Primizes, Arcebispos, Bispos, Dignidades Apostolicas, Ordens Religiosas, Congregações, e todo o Clero regnhar e secular, espalhados pelo orbe, que constituem a Igreja Militante, munida do passaporte de seu Divino Fundador. Ide, pregai em todo o Universo o que vos tenho ensinado: quem erer, será salvo, quem não erer, será condemnado. Quem vos ouve, a mim ouve; quem vos despreza, a mim despreza.

O actual Pontifice, de Nascimento obscuro, humilde e pobre, representa, com o nome que tem, a exaltação de José no Egypto, e tambem o Patriarcha S. José, Protector da Igreja Universal, recebendo das mãos de Nossa Senhora o Menino Jesus, para dal-O a beijar aos Reis Magos e aos Pastores em Bethlem, berço da Igreja; o Estalado, ou Presépio representa o Altar; a Virgem immaculada, o Sacramento; o Menino Jesus, o SS. Sacramento da Eucharistia; S. José, o Sacerdote; os

Reis Magos e os Pastores, a So' grania e o povo fiel recebendo a Sagrada Communhão; O Quadro eificante e bello! GUARDA A DEUS NAS ALTURAS E NA TERRA PAZ AOS DE BOA VONTADE! A Epiphania do Senhor, com tres significações, representa especialmente a visita dos Santos Reis Magos, que vieram do Oriente, guiados por uma estrella, adorar e darem presentes ao pequeno Messias, Salvador do mundo; Festa que a Igreja celebra hoje com grande pompa religiosa, e toda a Christandade com serenatos e cantigos populares, obsequios e presentes em retribuidas Festas do Natal! Costume lindo, velho e sempre novo, muito bonito!

O Santo Padre, no seu Jubileu Sacro e tal, ultimamente festejado em Roma, foi visitado e obsequiado por Imperadores, Reis, Príncipes, Presidentes e Governadores de Repubblicas, Autoridades mundiaes, catholicas, protestantes e infieis, por personagens illustres nas sciencias, letras e artes, por peregrinações catholicas, entre ellas a Brasileira, presidida pelo nosso Cardeal, primeiro e unico na America do Sul, e feito por especial prodigação de S.S. para com o Brasil. Essa manifestação universal, seria por adulação? Nunca.

E' a homenagem devida e o reconhecimento d'uma Ancestralidade, e mo não ha outra no mundo inteiro! A Missa Jubilar celebrada pelo Papa, foi d'uma imponencia deslumbrante, excedendo tudo quanto imaginar se pode de magestoso e solenne, so comparavel com o Céu; e na verdade, sendo Elle o Vigario de Jesus Christo, é o representante de Deus na terra! Essa Missa e offerecida á Trindade Santissima, por todo o genero humano, que abraça Judeos, Mouros, pagãos, etc. e os mesmos inimigos que combatem e perseguem a Igreja, e Ella, como Mãe carinhosa que é, nunca deixa de rogar por todos, especialmente em determinadas solemnidades, como na Sexta Feira da Paixão!

E' de costume em todas as Dioceses do mundo Catholico, pedirem esmolas para a Missa Jubilar, a que muitos se negam, allegando que o Santo Padre tem thesouro e muita magnificencia, que Jesus não teve quando homem; sobre que, convem dizer: o thesouro que existe não é propriedade do Papa, e sim patrimonio da Igreja, ou dinheiro de S. Pedro, cujo rendimento sendo grande, maiores são as despesas Pontificias. O Sacro Collegio Cardinalicio, a Nunciatura Apostolica, que são o Ministerio e a Diplomacia da Corte Universal do Papa; as Sagradas Congregações dos Ritos, a Curia Romana; a Secretaria, Bibliotheca e Museu do Vaticano, com muitos empregados; os Camaristas e a Guarda nobre, são todos pagos pela Santa Sé, que sustenta as Basílicas e outras Igrejas, Collegios, Recolhimentos de Orphãos e desvalidos, casas de caridade e enfermarias em Roma. Nos países infieis, onde os Missionarios nada ganham pelo seu ministerio, a Santa Sé sustenta tres obras muito meritorias e de grande caridade Evangelica: as Escolas do Oriente, a Propagação da Fé e a Obra da Santa Infancia, na China, onde as crianças recém nascidas, que excedem o numero de filhos que cada familia pode ter, são lançados n'agua como cachorrinhos; os boleguins encaregados d'essa execução barbara, vendem, por setos mutilados, aos Missionarios da referida Obra da Santa Infancia, com casas e tudo quanto é necessario para criar e educar essas pobres crianças, das quaes já tem presentemente alguns Sacerdotes pregando os Evangelhos em lingua chinesa!!

Que prodígio de caridade Christã, que só a Igreja Catholica sabe fazer! Sendo Ella o centro da paz e da concórdia Universal, os anarquistas e inimigos da ordem, que querem a solidão—ANARCHIA, RUÍNA E PRATEINHA—são escriptos no papel e palavras retumbantes, teem odio Satanico contra a Santa Madre Igreja que soffre tudo com paciência, e ainda reza pelos filhos que a desprezam, o que vou provar com a transcripção das ultimas partes da 1.ª Carta Encyclica, que S. S. Pio X. dirigio logo depois de sua exaltação ao Sello Pontificio.

Vam as ouvir o possuidor das chaves mysticas do Reino do Céu, com o poder de ligar e desligar, de unir a terra com o Céu, o Augusto e veneravel ancão, prisioneiro do Vaticano, e Elle quem vai fallar:

A CARIDADE PARA COM TODOS

«Porém, para que deste apostolado e zelo de ensino se recolha o almejado fructo e em todos se forme Christo, lembre-se bem cada um, ó veneraveis Irmãos, que nada é mais effizaz do que a caridade. Porque o *Senhor não estard no tramar*.

Em vão se espera attrahir as almas a Deus com um zelo amargo; pelo contrario, lançando em rosto duramente os erros, reprehendendo com aspereza os vícios, ó-se muitas vezes mais daninhos que util. Exhortava, é verdade, o Apostolo a Timotheo: *Accepi, ora, reprehendo*, mas *necessita* também: *Qua tula a paciencia*. Certamente Jesus, deixou-nos tres exemplos. *Trist*—Vemos que assim fallou Elle—*vinde a mim vós todos que estais enfermos e opprimidos, e eu vos consolarei*. (36) Nem outros entendia por aquelles enfermos e opprimidos sino aquelles que são escravos do peccado e do erro. Quanta foi, em verdade, a mansidão d'aquelle mestre divino! que ternura, que compaixão para toda a especie de miseraveis! Assim tracejou-lhe admiravelmente o coração: *Derramai sobre elle o meu e p'rito; não contendes; nem berardar a voz, não quebrar a canna já rachada, nem apagar a forcida que ainda fumeja*. (37) Esta caridade *p'ciente e benigna*, deverá estender-se ainda aquelles que nos são adversos e nos perseguem. *Somos amaldiçoados*, como S. Paulo da si protestava, e *d'ent'amos, somos perseguidos e insultados, somos blasphemados e oramos*. (38) Esses talvez appareçam peiores dos que realmente são. A convivência com os outros, os preconceitos, os concelhos e exemplos dos outros, e finalmente uma vergonha mal avisada, arrastaram-nos ao partido dos impios: mas a vontade d'elles não está affinal tão depravada, como elles proprios procuram fazer acreditar. Quem nos quitará de esperar, que a chama da caridade christã não venha a dissipar as trevas d'aquelles espiritos e a levar-lhes a luz e a paz de Deus? Tardará, quizá, por vezes o fructo de nossas fadigas: mas a caridade nunca se enfia de esperar, lembrada de que Deus apparelha os seus premios, não ao exito das fadigas, mas á boa vontade.

OS LEIGOS COOPEREM

Verdade é, Veneraveis Irmãos que nesta tão ardua tarefa de restauração do genero humano em Christo, não é Nossa intenção que nem vós, nem o

versu deo, se occupem exclusivamente de especulativa. Sabemos que Deus a todos recommenda a unidade dos seus proximos. (39) Não são, portanto, sacerdotes sómente, mas os fieis todos sem excepção, que se devem occupar dos interesses de Deus e das almas, não de proprio arbitrio bem entendido e com as proprias vistas, mas sempre sob a direcção e o commando dos Bispos: porque presidir, ensinar e governar a ninguém mais é concedido na Igreja senão a vós, a quem o *Espirito Santo collocou para reger a Igreja de Deus*. (40).

Os nossos predecessores, já, de ha muito, approvaram e alencoraram os catholicos, que, com varios fins, mas sempre com intenções religiosas, se ligavam entre si em sociedade. Nós tambem não hesitamos em tributar ao Nosso Pontefice a tal e qual instituição e muito desejamos que se propague e floresça nas cidades e nos campos. Queremos, porém, que tais associações tendam, sobretudo e principalmente, a obter que a vida christã se mantenha naquelles que a ella se associam. Porro monta, em verdade, que se discutam subtilmente muitas questões, que se discorra furdamente de direitos e deveres, si tudo isso for desampareado pela pratica; os tempos que correm exigem acção, mas uma acção que consista toda em observar com fidelidade e integridade as leis divinas e as prescripções da Igreja, na profissão franca e aberta da religião, no exercicio de toda a especie de obras de caridade, sem nenhuma mira em si proprio e em interesses terrenos. Tais luminosos e exemplos de tantos soldados de Christo, conseguirão a nito melicamente converter os animos e arrebatá-los, que não as palavras e as disputas avantajadas; e facilmente succederá que, combatido o respeito humano, depositos os preconceitos e os titulos, multissimos virão attribuidos a Christo, tornando-se, por seu turno, promotores do conhecimento d'elle e do seu amor, que são o caminho da verdadeira e solida felicidade. Oh! sem duvida, si em todas as cidades, si em todas as povoações se cumprir fielmente a lei do Senhor, si se respeitarem as cousas sagradas, si se observar tudo o mais que pertence á vida christã, não teremos? ó a necessidade, ó veneraveis irmãos de Nos afadigarmos mais para vermos todas cousas restauradas em Christo.

Nem aqui se espera só vantagem para conseguir os bens eternos; tambem daqui se obterá grandioso auxilio nos interesses temporaes e da convivência humana.

Com effeito, asseguradas as cousas, que acima dissemos, os nobres e os ricos saberão ser justos e caritativos para com os humilhes e estes supportarão com tranquillidade e paciência as privações de um estado mais angustioso; obedecerão os cidadãos não já ao arbitrio, mas ás leis; será tido como um dever e reverencia o amor aos governantes, cujo poder só vem de Deus (41).

Não basta. Então, finalmente, todos comprehenderão que a Igreja, tal como Christo o instituiu, deve gozar plena e integra liberdade e independência de qualquer dominio externo e que Nós, ao re-vindicarmos esta mesma liberdade, não só tutelamos os direitos sacrosantos da religião, mas provemos outrosim ao bem commun e á segurança dos povos.

(36) Math. XI, 28.

(37) Is. XLII, 28.

(38) I Cor. XIII, 4.

(39) I Cor. IV, 12.

(40) Eccl. XVII, 12.

(41) Act. XX, 28.

Com effeito á piedade é útil a tudo (42) e quando essa vida incolme e florescente, *sentar-se-á* verdadeiramente o *povo na plenitude da paz.* (43)

ORAÇÃO E PATROCÍNIO

Deus, que é rico de misericórdia, apresse benigno esta restauração do genero humano em Jesus Christo; porque não é obra de quem quer, nem de quem corre, mas de Deus misericordioso (44). E Nós, ó Veneráveis Irmãos, em espirito de humanidade (45) com oração continua e insistente, peçamos-lhe'o pelos merecimentos de Jesus Christo.

Volvamo-nos tambem á intercessão potentissima da Mãe divina, o já que vos dirigimos esta Nossa Carta precisamente no dia destinado a comemorar o Santo Rosario, dispomos e confirmamos tudo o que o Nosso Predecessor ordenou sobre a dedicação do presente mez á augusta Virgem, recitando publicamente, em todas as Igrejas, o seu Rosario; aconselhando, além disso, que se valham tambem, como de intercessores junto do Deus, do Esposo purissimo de Maria, patrono da Igreja Catholica e dos santos Principes dos Apostolos, Pedro e Paulo.

E para que tudo succeda segundo o que desejamos e todas as cousas a vós prosperamente corram, imploramos sobre vós abundantissimos dons das graças divinas. E em testemunho do ternissimo amor com que vos abraçamos e a todos os fieis, que a Divina Providencia Nos recommendou, a vós Veneráveis Irmãos, ao clero e ao vosso povo concedemos, com todo o affecto no Senhor, a benção apostolica.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, no dia 4 de Outubro de 1903, no anno primeiro do Nosso Pontificado.

Pio X.

Dignissimo, na verdade, oh! Luminoso Espelho em que se reflecte o Coração de Jesus, da Offerta Jubilar do imponente Santuario, consagrado á N. S. Libertadora, e mandado edificar pela Congregação Salesiana e Cooperadores espalhados pelo mundo, cuja solemniissima entrega foi feita por D. Rua em Roma! O Antecessor de Pio X, de Santa memoria, recommendou de viva voz a D. Lasagna, Bispo Martyr, de saudosa memoria, a catechese de Matto-Grosso, e teve a satisfação de ver os tres Indios d'aqui levados pelo P. João Balzola, a quem Leão XIII disse com sua voz grave e vibrante: Admiro o vosso apostolado! Pio X, tambem Protector e apreciador dos Salesianos, alegrou-se quando viu e passou sua mão alvissima sobre a escova de cabelos pretos da cabeça do jovem Indio Miguel, coitadinho, já fallecido, e levado á Roma pelo Padre Malan.

Este indolito e denotado Inspector da Missão Salesiana n'este Estado, fez brillar de modo muito agradável o nosso certamen na Exposição Nacional, com a apresentação da Banda de musica dos boróros, que ali tocou, em primeiro lugar e com muito effeito e enthusiasmo, o Hymno Nacional, sendo muito applaudida, apreciada e obsequiada no Rio de Janeiro, em S. Paulo e outros lugares.

E' o manto da Virgem de D. Bosco, que se estendem como o Céu azul da Italia ao Céu estrelado do Brasil, cujo coração quo é Matto-Grosso, parece ver melhor as scintillações do Cruzeiro, signal da victoria nos combates da Fé! Bendito seja Deus!

Cuiabá, 6 de Janeiro de 1906

Um humilde catholico



ANJINHO

Reposando em um lindo caixãozinho de setim azul, adornado de flores virentes, segue para a mansão dos mortos, onde repousará eternamente, o corpo gracil e mimoso de uma creança que a morte arrebatou dos braços maternos.

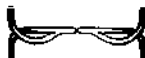
A' passagem desse feretro tão lindo e triste, choram os passarinhos, cujas lagrimas mudadas em maviosos trinadoes emocionantes, erolam pelo espaço; chora o vento, que despe-se da morta, beijando de leve, delicadamente, as suas faces lidas; chora o céu, que triste, esconde-se por entre nuvens densas e clíras e deixa cair sobre o corpo do anjinho suas lagrimas sentidas, em forma de chuveiros de perolas; choram as paes da innocentezinha, que lhe banham o rosto pallido com beijos de caricia e lagrimas de dor; tudo enfim, chora a morte daquella creança que, repousando delicadamente no lindo caixãozinho de setim azul, adornado de flores virentes, segue para a região dos mortos, com um sorriso angelical a transparecer-lhe nos labios.

Todos sentem o desapparecimento dessa creaturinha, cuja vida ephemera fulcou-a de um lyrio que desubrocha aos primeiros fulgores do dia e que pende murcha do hastil ao refugir dos ultimos raios do sol.

Todos choram a morte dessa creança candida e toga e só ella parece alegre com aquelle sorriso angelico a brincar-lhe nos labios; só ella parece sentir prizer em desapparecer desta vida e ir brincar, como muitas vezes pedia á mamã, com as licitantes estrelas de ouro, que em noites primaveris lhe sorriam lá do céu....

Cuiabá, 11—3—09.

Portella Moreira.



(42) Rom. XIII, 1.

(43) 1 Tim. IV, 8.

(44) Is. XXXII, 18.

(45) Ephes. II, 4.



Charadística

TORNEIO
DE
JANEIRO A MARÇO

Charadas novissimas 25 a 28

Alem, naquella cidade, tem nm
pantano 1—2.

Nabucodonosor

A menina é musica do instrumen-
to 2 - 1.

No ovo, na agua, no tecto 2—2.

M.

Na musica é grande cousa subju-
gar 1 - 1.

Reivalio.

Enigmas 29 e 30

MAR

VA

Lelio

1 Rotchild $\frac{100}{\infty}$

M.

Charada bifronte 31

A cidade está no rosto? 1

Lelio

Charada auxiliar 32

- 1ª. mais *qui* é fructo
 - 2ª. mais *paz* é sacerdote
 - 3ª. mais *to* é rasgado
 - 4ª. mais *da* é arvore
- Pancada na cabeça.

Olicio

Charada Casal 33

E' grande esta vasilha! 2

Flavio

Logogripho 34

- Mulher 2, 6, 7, 8, 2
- Mulher 1, 9, 3, 4, 7, 9
- Mulher 4, 5, 3, 7, 8, 9
- Mulher 2, 8, 8, 9
- Mulher 1, 9, 3, 7, 2
- Mulher 4, 6, 9, 3, 2
- Mulher

X. P.

Charadas syncopadas 35 e 36

Sou o amparo da medida 3—2

Nesta ilha, ignorante 3—2

Reivalio



A cultura das Abelhas

Noções e conselhos de apicultura

Sic vos non cobis mellificatis, apes (1).

A apicultura é a arte de cultivar abelhas e retirar benefícios d'ella. Enquanto a apicultura for feita praticamente é uma arte, mas ella é uma sciencia desde que for estudada a fundo.

O estudo dos insectos é um ramo das sciencias naturaes que faz parte da zoologia com o nome de entomologia; é tambem chamada a classe dos articulados, estabelecida por Lamarck.

As abelhas pertencem á ordem dos hymenopteros, familia dos apídeos.

Foi Aristêo, rei de Arcadia, que inventou a apicultura, segundo diz a historia. Os deuses puniram-n'o destruindo as suas colmeias; porém não desanimou e immolando quatro touros e outros tantos novilhos, viu sair dos seus cadaveres multidões de enxames.

A apicultura não é uma arte difficil, porém é necessario adquirir-se alguns conhecimentos antes de começar-a.

Deve-se começar por poucas colmeias, que se vão augmentando gradualmente á medida que a pratica augmenta, para que se possa desembaraçadamente tratar de numerosas colmeias onde ha bastante occupação e não menos observações a fazer-se. Os que querem principiari por onde devem acabar vêm os seus calculos transtornados, começam por terem tanto a fazer em um trabalho completamente novo que os faz desanimar.

Istes inexperientes tambem só contam com lucros, sem pensar nos annos em que as flores escasseiam e d'ahi a diminuição na reserva do mel.

As abelhas são trabalhadores infatigaveis, ellas procuram por todos os meios augmentar o seu supprimento, mas a natureza lhes nega tudo em certos annos.

As abelhas indigenas

As nossas abelhas indigenas são:

Do genero TRIGONA: *Arapud*—*Cupira*—*Mirim*—*Mirimpreta*—*Preguiçosa*—*Cayafogo*—*Limão*—*Tubim*—*Jatay*, que produz um mel delicioso. Uma caixinha de charutos é quanto basta para estabelecer-se um enxame.

Do genero MELIPONA: *Gurupá*—

(1) O mel da abelha é formado para outros.

Mondury — *Mandagaia* — *Mandagaia-mirim*, e outras.

Do genero *BOMBUS*: *Eirucá* e outras. — *Iboyc-ira* — *Uchá*.

Do genero *MELISSODA*: *Terinodá* — *Tuyba* — *Tapiáca*.

Dos generos *CENTRIS*, *ANTHOPOPHORA*, *MEGACHILIS*, *EPICHARIS*, *ATGOCHLORA* ha algumas especies.

Do genero *XYLOCOPA*: o *Mangangá* e outras especies.

As abelhas e a fructa

Quem quizer que o seu pomar lhe dê mais fructa, estabeleça perto d'elle um colmeial.

As abelhas visitam as flores; dessa visita resulta que muitas das mesmas flores condemnadas a não darem fructo, o dão e bem formado.

Está calculado que as plantas, cujas flores são fecundadas pelas abelhas, dão 50 a 60 p. c. mais fructo do que as que o não são.

E ha uma outra vantagem, que pouca gente conhece: — quem quizer semear arvores de fructo ganha muito em aproveitar sementes dos fructos cujas flores tenham sido fecundadas por «pollen» proveniente de outras plantas da mesma especie.

Não tenham receio de que as abelhas furem os fructos. Não. Abelha não tem agulhão para furar; tem apenas uma especie de lingua para lambe. Se o fructo estiver estalado, ella lambe; se não estiver, nada faz.

A abelha é, sem duvida, a maior amiga do lavrador; nada lhe pede e dá-lhe muito.

Ha quem tenha calculado os milhões de toneladas de assucar que as abelhas colhem das flores e até dos rebentos e das folhas das arvores. Esse assucar representa tanta riqueza, que bem merecem as abelhas as casitas modernas, que hoje lhes dão, em vez do velho cortiço.

Plantas cujas flores produzem abundancia de nectar

Além das flores que se cultivam nos jardins e vergeis, ha as flores agrestes e silvestres. Temos como principais productoras do melas seguintes:

Larangeira — Cafeciro — Labiadas — Guandeiro — Ameixeira do Japão — Leguminosas silvestres — Trigo saraceno (*Polygonum fagopyrum*).

E' com as culturas d'esta ultima planta que os europeus contam para a producção de nectar onde as suas abelhas irão buscar provisão.

Desenvolve-se perfeitamente no paiz e semeia-se em Março. E' necessario importar-se a semente, o producto serve para alimentar gallinhas.

O espinheiro de cerca não deve ser virado para florescer e ser util ás abelhas.

As abelhas, riqueza da casa de campo

Uma observação de Siebenthal não deve ser desprezada pelos menos favorecidos da fortuna que habitam o campo.

Entre as riquezas d'uma casa de campo pode-se contar as abelhas. Nem todos podem alimentar vacas, cavallos, ter ovelhas, cultivar vinhas, lavrar a terra, etc.: para uns, é por falta de tempo; acrescentaremos para outros é tiral-os do *dolce far niente*! Qual é a casa de campo d'uma certa apparencia que não pode possuir um certo numero de cortiços? Se nenhum sentimento de curiosidade os anima, so a industria d'estes pequenos povos não os affecta, o *interesse* deveria ser um motivo sufficiente para engajal-os a cultivar estes preciosos insectos, tanto mais quanto elles não exigem senão muito pouco cuidados para colher muito proveito.

As abelhas prosperam em todos os climas. As arvores, as flores, as plantas, as florestas e as aguas não nos faltam, nossos prados e nossas montanhas prevalecem pela bondade das suas pastagens sobre muitas outras regiões.

Quanto mel secca por falta de collectoras para aproveitá-lo, quanta cera se perde por falta de operarias para fabricá-la! Uma outra razão que deveria convidar-nos a fazer a apicultura, é que as abelhas procuram o alimento para si.

Se ás vezes é necessario dar-lhes, não é senão durante os máos annos; e n'esse caso basta restituir-lhes uma parte do que se lhes tirou, ou lhes emprestar para relaver com usura.

Calcule-se ainda as despesas, o trabalho, os cuidados, a alimentação e a accomodação, que exigem os outros animaes; conta quantas vezes por dias, e isto durante mezes e annos, é necessario distribuir-lhes alimento, desaltermos, ordenhar, curar, etc., enquanto em dous ou trez minutos se dá alimento ás abelhas por um mezo ou por um inverno inteiro.

Sessenta colmeias não exigem tanto trabalho como um cavallo e produzem mais.

Nenhuma outra criação é tão rendosa como esta, pois a abelha não requer em remuneração do seu trabalho nem ao menos o alimento que nenhum dispensa, é o braço mais barato que o fazendeiro pôde encontrar.

S. P.

(D'O Entomologo).



Necessidade mathematica da existencia de Deus

DE

RENÉ RUSSON

TERCEIRA PARTE

THEOREMAS

(Continuação)

III Theorema.—A relação do infinito para todo o numero é igual á relação de todo o numero para zero. Por outros termos,—o infinito contém uma infinidade de vezes todo o numero, como todo o numero contém uma infinidade de vezes zero.

Tomemos $\frac{N}{\infty} = 0$: Dividamos por N os dois membros da igualdade, resulta:

$$\frac{1}{\infty} = \frac{0}{N}. \text{ Ora } \frac{1}{x} = 0.$$

Logo, $0 = \frac{0}{N}$; o que torna evidente que as duas fracções $\frac{N}{\infty}$ e $\frac{0}{N}$, iguaes a 0, são iguaes entre si. Invertendo os termos, obtem-se: $\frac{\infty}{N} = \frac{N}{0} = \infty$, o que queriamos demonstrar.

IV Theorema.—O producto não nullo de dois factores, 0 e o ∞ , é abstracto ou concreto, segundo que o factor ∞ é abstracto ou concreto.

Com effeito: 1.º—um producto abstracto tem necessariamente dois factores não concretos; 2.º—um producto concreto tem necessariamente um factor concreto. Ora, 0—e 0 só—não é nem abstracto nem concreto. Logo, o producto $0 \times \infty$ é abstracto ou concreto conforme o factor ∞ é abstracto ou concreto. Assim: $0 \times \infty$ abstracto = todo o numero finito (The. I) $0 \times \infty$ concreto = toda a coisa finita (The. II)

Desta ultima igualdade resulta que o theorema II deve ser enunciado sob a forma seguinte:

(II Bis).—Toda coisa finita, qualquer que seja é o producto do nada por um infinito concreto, isto é, é formada do nada por um Ser Infinito.—E' o dogma da criação.

Nota.—Estrictamente, um pomo seria igual a zero multiplicado pelo infinito pomo; um kilo de madeira seria igual a zero X pelo infinito madeira; o rigor mathematico, segundo o theorema IV, exigiria tantos infinitos concretos quantas são as substancias concretos diferentes.

Mas notemos bem, para que não sejamos accusados de pantheismo, que «o infinito pomo», «o infinito madeira», etc... são um mesmo Ser Infinito, pois que um infinito concreto contém uma infinidade de vezes toda a coisa finita, como veremos em seguida. Então as coisas concretas por diversos que sejam, podem provir do mesmo Ser Infinito, que os contém todos em potencia: O multiplicado pelo infinito pomo, significa O multiplicado por um Ser Infinito querendo crear um pomo, a concretisação do producto creado depende unicamente da intenção da vontade creadora.

Em uma palavra, falando scientíficamente, as coisas heterogeneas são homogeneas ao infinito.

Do Theorema II (bis) decorrem os collatrios seguintes:

1.º A intervenção de um Ser Infinito em face ao nada tem por effeito transformar o nada em toda a entidade possível. Logo, *um Ser Infinito é omnipotente*: tanto lhe custaria crear um milhão de mundos, pela simples satisfação de um só homem durante um segundo, como crear um grão de trigo.

Sans que l'infini fût amoindri d'une étoile, Et qu'ayant tout donné, Dieu n'aurait rien de moins,

(Victor Hugo, «Dieu»)

2.º As verdades mathematicas são verdadeiras abstrahindo do espaço e do tempo. Logo, a todo o instante da sua existencia, uma coisa finita é o resultado da acção de um Ser Infinito sobre o nada, isto é, que a *acção creadora do Ser Infinito continua sobre a sua creatura por uma acção conservadora* tanto quanto quer e como quer.

3.º *Só um Ser Infinito tem a plenitude do ser*. A existencia de todo o ser finito é, em summa, uma successão de existencias de duração igual a zero, emanando a todo o instante do Ser Infinito.

Applicando as verdades mathematicas abstractas ao concreto, podemos enunciar o Theorema III sob a forma seguinte.

(III Bis) *A relação de um infinito concreto á toda a coisa finita é igual á re-*

lação de toda a coisa finita para a nada. Por outros termos, -- *um Ser Infinito contém em uma infinidade de vezes toda a coisa finita como toda coisa finita contém uma infinidade de vezes a nada.*

Donde os collatrios seguintes: 1.º O infinito não pode provir do finito, qualquer que seja a extensão ou variação que se possa conceber porque este venha passar. Ainda menos, pode provir do nada. Logo, provem de si mesmo—*é principio de si mesmo*, e não saberia resolver-se, no nada ou no finito de que é distincto.

2.º *O infinito é immenso, incommensuravel*, pois que contém uma infinidade de vezes toda a medida que tentáramos applicar-lhe fora de si mesmo. Logo, *a fortiori, é indiciável*.

(CONTINUA)



Roteiro da navegação

DO
Rio Paraguai
desde a foz do São Lourenço até
o Paraná

PELO CAPITÃO DE FRAGATA DA
ARMADA NACIONAL E IMPERIAL
AUGUSTO LEVERGER
(Barão de Melgaço)

Publicação feita sob a direcção de
ESTEVAO de MENDONÇA



(Continuação)

Tão bem não faltão insectos nocivos, formigas, baratas, lagartos maribondos &c, e sobre tudo enxames de mosquitos, cuja abundancia, mórmente no tempo da enchente, torna-se hum verdadeiro flagello.

Poucas vezes está o navegante inteiramente livre da perseguição delles. Commumente apparecem ao pôr do sol em nuvens que se somem no decurso da noite ou ao amanhecer; outras vezes só de dia incomodão; porem occasiões ha em que, durante semanas e até mezes, não deixão hum momento de socego de dia nem de noite, e causão hum martyrio

de que só pôde fazer idéa quem o tem experimentado.

Os ventos que predominão são do quadrante N. E.; as vezes o de Norte sopra por muitos dias seguidos com tempo claro. Os dos quadrantes de Poente não são duráveis; costumão ser acompanhados de chuvas e trovoadas na estação das agoas. Na da secca reina de vez em quando o vento Sul, a que chamão *fríagem*, por amor da subita e consideravel alteração que produz na temperatura. Dura 2, 4, e até 8 dias com chuva ou sem ella; mas quasi sempre com atmosfera carregada nos 1.^{os} dias. Não he raro que principie por tormenta, e em geral sopra com força e levanta no Paraguai, ondas que tohem a navegação ás canoas.

A declinação da Agulha na altura da foz do S. Lourenço he presentemente de 7.^o 30' N. E.; em 1786 era de 10.^o 30'. Vai augmentando a medida que se navega para Sul.

Gerahente o Therm. de Favenheit conserva-se de dia acima de 80°; e não raras vezes excede de 90° e até de 95°, porem nas friagens desce abaixo de 55°. A temperatura de agoa he de 76.^o

Hum facto que me parece singular he a salubridade desta região. As carneiradas que tanto estrago fazem, nesta mesma Provincia, nas paludosas margens do Guaporé e dos outros tributarios do Amazonas são desconhecidas nas do Paraguai e dos seus afluentes. Rarissimas vezes são os navegantes e os habitantes das povoações accommettidos de sezões e outras enfermidades proprias de paizes, como este, baixos, humidos, e onde se opera continua de composição de animaes e vegetaes.

A largura do rio desde Coimbra he de 100 á 300 braças com poucas excepções. Em todo o tempo acha-se canal com bastante agoa para embarcações que não demandão mais de 10 palmos.

A velocidade da corrente he de meia a huma milha por hora, na enchente, porem, torna notavel incremento, e as vezes excede de 2 milhas.

Nessas occasiões veem se frequentemente, levadas pela corrente tapagens formadas por arvores cahidas, agoa-pés e outras plantas aquaticas e até pedaços de terreno com ervas e arbustos em pé.

Estas ilhas flutuantes occupão as vezes quasi toda a largura do rio.

Abaixo da foz do Apa, a margem es-

querda torna-se mais elevada: não he com tudo formada por montes altos, mas sim por lombadas que, em diversas paragens abeirão o rio cujo leito he por este lado em muitas partes pedregoso. Os campos são em geral sobranceiros a inundação, e formão na beira do rio barrancos de 20 e 30 palmos de altura acima das agoas baixas. Com tudo ainda se veem bastantes bahias e alagadiços. Quanto á margem direita, pouco ha que se notar nella: posto que em partes se eleva acima das enchentes, e em outras seja muito raza, essa differença de nivel não he tão grande que perturbe sensivelmente a apparencia horizontal do terreno o qual continua a apresentar á vista campanha, carandazas e pantanos.

Por hum e outro lado vão sendo mais frequentes, e extensos os capões de mato e em muitas partes frondoso arvoredo guarnece as ribeiras, e as ilhas.

Nota-se em diversas partes, que entre o terreno firme e barrancoso, e o leito do rio medeão espaços mais ou menos consideráveis, baixos e alagadiços que parecem haver sido deixados pelo mesmo rio, cujas agoas forcejão pela opposta margem, e que com o tempo tem-se revestido de arbustos e mesmo de grosso arvoredo.

2 2/1 milhas abaixo da foz do Apa, abeira a margem esquerda o serro de *Itapucú-uassú*. Segue-se humma serie de collinas denominada por alguns as *Sete pontas*, e designadas no mappa de Azara pelo nome de *15 pontas*. Occupão, pela beira do rio a rumo geral de S. S. E. hum espago de 12 milhas. Em algumas partes, hein como em Itapucú, vem essas collinas terminar-se em paredões de pedra calcaria; em outros medea entre ellas e o rio humma facha mais ou menos larga de terreno alagadiço. A's mais meridionaes pontas dão actualmente o nome de *Serro Morado*. Nesta altura avista se na margem occidental, hum morro chamado *Serro Galcan*, o qual parece distar do rio 5 a 6 milhas. 6 1/2 milhas abaixo do serro Morado está a ilha de *Pena hermosa*, terminada na extremidade superior por humma alantillada rocha. Neste lugar entra na margem esquerda humma bahia na qual assegurão-me que afflue 6 ribeiros, que vem de pouca distancia. Deve ser esta bahia a que se vê em certos mapas com o nome de rio *Mbarei*, ou da *Lapa* e que Zavala diz chamar-se *Acanigo*.

(Continúa)



SECÇÃO

AMENA

Tremenda lição

IV. Arrependimento e reparação

(Conclusão)

Roberto levantou bruscamente a cabeça.

— ... até á rua de Vaugirard, carregando ás costas trouxas muito pesadas; transpirou demasiadamente: ao entrar em casa sentio frio. Eil-a na cama com uma pneumonia. . .

Roberto, pallido, respirando com difficuldade, tinha-se levantado.

—E, como ella e seus filhos, só vivendo de seu trabalho quotidiano, pôde imaginar-se a miséria atroz que reina n'aquella pobre habitação.

Eu faço o que posso. . . A maior desgraça da pobreza, ali é a impossibilidade de alliviar efficaçamente semelhantes infortúnios. Eu mando-lhe caldo, algum alimento para as pobres creanças; mas o que é isso! Seria preciso um bom medico, cuidados assíduos. . . E eis a chegar o mez de Janeiro com o aluguer por pagar. E se a mãe lhes morrer, eis ahí dous orphãos sem recurso algum!

Roberto tinha deixado a sala de jantar.

A visita prolongou-se ainda por algum tempo, depois separaram-se.

—Onde está Roberto? perguntou o sr. Villemont.

—Estava alli ainda agora, respondeu a sr.^a Villemont.

E atravessando a sala de jantar, a sr.^a Villemont abriu rapidamente uma porta, atraz da qual ouviam-se soluços.

Alli, na escuridão, Roberto soluçava a valer.

—Que tens meu filho? exclamou a sr.^a Villemont, precipitando-se para elle.

—Mãe. . . Oh, mãe! . . . Eu sou. . . eu sou um miseravel. . . Esse carrinho. . .

—O que é então?

—Foi Francisco que quebrou. . .

Eu. . . eu. . . eu ajudei-o, exclamou Roberto, com soluço cada vez maior.

Em poucas palavras contou á mãe os incidentes d'aquellas funesta manhã, em que, apesar dos conselhos que ella lhe tinha dado, elle não pudéra decidir-se a evitar a companhia de Francisco d'Albeyrac.

O sr. Villemont tinha vindo reanir-se á sua mulher, e ambos escutaram esta confissão com uma profunda tristeza. Voltaram ao salão, seguidos pelo Roberto que não podia conter as lágrimas.

—E agora? perguntou o sr. Villemont á esposa.

—Irei hoje mesmo vêr a doente.

—Muito bem.

—Proverei a todas as despesas.

—E' absolutamente necessario.

—E. . . e. . . se a pobre mulher succumbir. . .

—Temos a restricta obrigação de prover á existencia das creanças, disse o sr. Villemont.

—Penso como tu, meu amigo, e sou feliz em verificar, mais uma vez, quanto és justo e bom.

E' apenas justiça! . . . Grande Deus! . . . comtanto que o mal não seja irreparavel!

— Mamãe. . . Papá. . . Oh! poderão meus bons paes perdoar-me? balbucio Roberto. Eu tenho ainda 20 francos. . . Mamãe os tomará; e se meu tio Bernardo me der cincoenta francos para a Festa, tomal-os-ha tambem.

Assim será preciso com effeito, respondeu o sr. Villemont, porque, bem sabes não somos ricos.

E se tivermos de encarregar-nos das creanças?

— Já pensei n'isso, respondeu a sr.^a; passaremos sem creada, a não ser que eu consiga fazer algumas gravuras em madeira para jornaes illustrados.

Meu irmão Bernardo já me tinha dado o conselho de augmentar os nossos recursos por meio d'este trabalho; fallar-hei n'isso seriamente.

Em quanto se travava essa conversação, na presença de Roberto aterrado perante as consequências da boa partida ao supposto moço mercieiro, chegou a hora do jantar. Roberto, com uma violenta dor de cabeça, retirou-se para o seu quarto; seus paes não fizeram honra á refeição.

Acabada esta, a sr.^a Villemont entrou n'um « omnibus » e dirigiu-se á rua de Vangirard.

Vio primeiro a sua amiga, a quem indicou a causa que lhe impunha o dever de soccorrer a doente, depois fez-se conduzir junto d'esta.

Teve a satisfação de achar na mesma casa uma operaria que, estando desoccupada, se encarregou de substituir a mãe junto dos filhos e de servir áquella de enfermeira. Chamou-se um bom medico. O dinheiro effectuou alli os seus milagres. Accendeu-se um bom lume. Preparou-se a ceia das creanças, que não tinham jantado; enfim confortaram a infeliz Justina, prometendo-lhe que nem ella nem seus seus filhos seriam abandonados. E quando ella preguntava, não podendo acreditar n'este auxilio providencial, porque era que a sr.^a Villemont a soccorria com tanta generosidade, esta recommendava-lhe o socego e a confiança, respondendo-lhe que tudo se explicaria mais tarde, quando ella estivesse completamente restabelecida.

A sr.^a Villemont voltou para sua casa um pouco mais tranquilla. O medico esperava que, bem tratada, Justina poderia talvez triumphar de sua perigosa molestia. A sr.^a Villemont deu conta a

seu marido das disposições que tomara e ambos empregaram o resto da noite em fazer o refazer calculos, para achar o meio de fazer face a essas despesas imprevistas, e, desde já, relativamente consideraveis.

Roberto, com o rosto transtornado, veio pela manhã sentar-se humildemente deante da chicara de chocolate que sua mãe lhe preparára. Ella não dirigio exprobração alguma; mas a tristeza que seu rosto denotava produziu n'elle o effeito de uma setta que lhe trapassasse no coração. Trabalhou com ardor desacostumado comprehendendo instinctivamente que não tinha outro meio de expiar a sua falta.

Todas as manhãs a sr.^a Villemont ia vêr Justina. Todas as tardes, ao jantar, dava conta a seu marido das phases, ora boas, ora assustadoras, pelas quaes passava a enfermidade. Enfim, pôde ella, uma terça-feira á noite, annunciar a meza, que Justina estava salva e que lhe perguntava com instancia a razão que determinára os soccorros a que devia a vida.

Roberto erguen a cabeça.

— Mamãe, disse elle com voz tremula, amanhã é quarta-feira: tenho sueto. Se tu e Papac o permitis, irei contigo á casa de Justina. Quero eu mesmo dizer-lhe tudo.

Muito bem, meu filho! disse o sr. Villemont, estendendo-lhe a mão, que elle beijou chorando.

No dia seguinte a sr.^a Villemont introduziu seu filho na pobre morada de Justina.

— Trago-lhe a explicação que desejas, disse ella á convalescente, e um culpado que vae fazer-lhe a sua confissão.

Com coragem, mas de olhos baixos, Roberto contou o que se passára junto do carrinho.

Não attenuou as suas culpas atirando-as sobre o seu camarada. Disse a verdade, e toda a verdade. Quando terminou a narração levantou timidamente os olhos e com voz tremula, disse:

— Perdoa-me? poderá perdoar-me, senhora?

— Ah! meu menino, exclamou Justina, juntando as mãos, o que não se perdoará a quem tem por mãe um anjo do céu! Vá em paz. . . perdoe-lhe de todo o coração.

No primeiro de Janeiro, tomando lo-

gar á mesa para almoçar em família, Roberto achou, deante do taller, um pequeno embrulho quadrilongo. Levantou para sua mãe um olhar em que se via transluzir lagrimas.

— Mãe, disse elle em voz baixa, não devias dar-me consoadas. Eu tinha-te pedido que guardasses o preço d'ellas para Justina.

Porisso é que fiz apenas a despeza de uma moldura muito simples, respondeu a sr.^a Villemont sorrindo.

Roberto desfez apressadamente o embrulho. Uma moldura, com effeito muito simples, encaixilhava um desenho feito por sua mãe e representando um carrinho quebrado.

Por baixo do desenho lia-se uma só palavra.

Remember (lembança)

— Oh! mãe, exclamou Roberto, lançando-se ao pescoço de sua mãe, não é de recear que eu esqueça! Nunca mais serei amigo de Francisco!

— Nem de nenhum outro da sua laia? pergunta a sr.^a Villemont?

— De nenhum d'elles.

— Pois bem, meu filho, disse a sr.^a Villemont, abraçando-o com ternura, o mais bello presente de anno bom que eu jamais recebi é o que tu me dás n'este momento.

(*Mme. Emucline Raymond.*)



Lenda Simples

Sahiram pelo mundo
Em plena excursão,
A Honra, a Caridade
E a meiga Gratidão.

E foram muito tempo,
Unidas viajando,
Mil terras percorrendo,
Andando, sempre andando.

Um dia as tres amigas,
Depois de muito andar,
Acharam que afinal
Deviam se apartar...

Já haviam visitado,
Do globo as cinco partes,
Entrando desde as aldeias
Até palacios d'artes.

Enfim, chegando, á tarde,
Em uma encruzilhada,
Tomaram uma, a uma
Sósinha a sua estrada...

Na hora da partida,
Faltou a Caridade,
Com phrases repassadas
De amor e de bondade:

-- Amigas, quando vós
Quizerdes me encontrar,
Podeis no coração
Dos bons me procurar.

Eu sou a flor sublime
Gerada da Trindade,
Ao mundo vim sómente
Em bem da humanidade!

Nasci no Paraizo
Do Padre Eterno e Santo,
Na hora em que rolou
De Adão e Eva o pranto!

Portanto, si alguém virdes,
Soffrendo sem piedade,
Conta a esse alguém
Que sou a Caridade!

E disse proseguindo-a
A terna Gratidão:
-- Eu sou a flor mais rara
Da humana geração!

Talvez possam me ver,
Com bem difficuldade,
Nas almas, brancas, puras,
Ungidas de bondade!

Por fim se despediu
Das outras com ternura,
A Honra a melindrosa,
E alvissima creatura:

— A mim não me procurem,
Tristonha disse então:
— Na vida os que me perdem
Jamais me encontrarão!...

Artindo Costa.





Commentários

« Em uma das excellentes chronicas com que brinda, semanalmente, os leitores do *Estado de S. Paulo*, já o erudito philologo e amestrado homem de letras dr. Sylvio de Almeida, que, seja dito de passagem, é um dos muitos mineiros honrando sua terra no meio paulista, havia rebatido com vantagem o conselho estúpido do sr. Ihering, director do Museu Paulista, preconizando a chacina aos indios, aos quaes negou todas as qualidades, quando o revdm. padre Mulan, discorrendo sobre os *bororós*, mostrou serem muitissimo aproveitaveis esses nossos patricios, que nos sertões paulistas trabalhadores da ferrovia estão trucidando com a barbaridade de canibaeos, repetindo, portanto, o que fizeram os nossos primeiros povoadores, emquanto não lhes domou a bruteza a Companhia de Jesus.

O artigo do sr. Ihering, que, extrangeiro, concorda com a politica *civilisadora* que as potencias europeas fazem na Africa, caçando o gentio, despertou varias outras censuras, dentre as quaes a do nosso prezado collega Carlindo Lellis, director do *Correio da Noite*, de Ouro Preto, dizendo elle coisas que em nada abonam os conhecimentos e a sabença do sr. Ihering, que em vez de applaudir a obra humanitaria realisada pelos missionarios chamando á civilisação milhares de brasileiros até aqui encontrando-se no desamparo na *sua propria terra*, que é, entanto, toda blandicia para quanto advena lhe apparece, — escreve, em um jornal official, que o melhor é halar esses indios até exterminar todos. Exactamente, o processo da Europa quando quer limpar aos negros da

Africa as terras que elles possuem. Carlindo Lellis diz o seguinte :

« Leio que o sr. dr. von Ihering, director do Museu Paulista, numa publicação official, se manifesta ostensivamente contra a assimilação do elemento selvagem e preconisa o seu extermínio, porque elle é um « impecilio » para a colonisação das regiões que habita. »

Tão desparatado aserto não parece vir de quem se diz ethnologo.

O sr. von Ihering, que dirige um museu que absolutamente não abona a sua competencia e onde se veem até etiquetas erradas rotulando amostras e onde productos vulgares estão até hoje á espera de classificador, que tem mostruarios de uma pobreza franciscana no meio da riqueza enorme do paiz, é um dr. *Thopsius* vulgarissimo, que usa oculos, fala arrevesado e se diz allemão, com exquisites e caprichos.

O Ypiranga, onde elle pontifica, pon-do de parte os objectos historicos que são muitos poucos, disposto tudo sem methodo e sem ordem, não possui muita coisa que ver.

O illustre ethnologo allemão se esquece de que a nossa nacionalidade é constituída em boa parte pelo indio, e que, entre descendentes de indios, se podem contar o Marquez de Pombal, Basilio da Gama, Odorico Mendes, Diogo Feijó, João Lisboa, Carlos Gomes e Floriano Peixoto. Nesta lista que eu quiz fazer, intencionalmente, pequena puz de tudo : estadistas, poetas, musicos e soldados.

Como se considera esse elemento tão assimilavel, robusto, intelligente « impecilio para a civilisação » e se aconselha e

se prega contra elle a cruzada do extermínio, pondo, por essa orientação estapafúrdia e alemã, a nós outros civilisados, em maior grau de barbarismo que os índios?

Elles não atacam: defendem o terreno que é seu. Nós é que o vamos aggreddir e expulsar de suas terras e sabe Deus quantas violências elles supportam! Mesmo que nos aggreddam, o fazem porque não se civilisaram, no passo que o director do museu, ao aconselhar a matança, sente reviver em si o troglodyta das cavernas prognatha e canibal.»

Felizmente, contra o novo *dr. Topsius* ergue-se a abnegação de um Malan e de outros sacerdotes que, arrostando todos os perigos, cumprem elevada missão, restituindo ao Brazil esses seus filhos, com os quizes nunca se importaram os governos, embora sempre figurasse nos orçamentos verba para catechese.

Não deixa, porém, de ser revoltante o que escreverem esse estrangeiro, acreditando talvez que nós, brasileiros, temos o prazer da sangueira que tanto defecia a pituita do *Kaiser*. »

(Da Gazeta De Uberaba)

Destroyer «Pará»

Chegou a 14 de Janeiro no porto da Capital Federal, vindo de Glasgow, onde foi construido pela casa Yarrow & Co., o novo destroyer *Pará*, da Marinha Brasileira.

E' seu commandante o Capitão de Corveta Felinto Perry, tendo como immediato o Capitão-Tenente Alberto Durão Coelho e como officiaes os Capitães-Tenentes Raul Tavares, encarregado da artilheria; Hyppolito Areias e 1º Tenente Pereira das Neves.

O destroyer *Pará* desloca 650 toneladas, tem 240 metros de comprimento e 23,5 de bocan, desenvolvendo 27 milhas por hora.

O armamento é constituído por dous canhões de quatro pollegadas do systema Armstrong e quatro semi-automaticos Hotekins, todos de tiro rapido.

Os de quatro pollegadas estão montados á proa e á pópa, rodizios, e os de 47^{mm} pelo convex, dous de cada bordo. Possui dous tubos de torpedos de 45 cm installados á vante e á ré, em reparos rodizios.

O raio de acção do destroyer *Pará* é extraordinario. A toda a força pode percorrer 540 milhas, navegando 24 horas; com a marcha de 14 milhas está apto para fazer 3.760 milhas navegando 240 horas

seguidas sem necessidade de tomar carvão.

Os paídes de munição são servidos por elevadores electricos e munidos de aparelhos refrigeradores, destinados a abaxar a temperatura, impedindo as alterações da pólvora.

Além de dous machinas motoras de força de 8.000 cavallos, possui o *Pará* sete machinas auxiliares, comprehendendo ventiladores, evaporador e destilador, machina de governo, cabrestante, machina electrica e machina de comprimir ar.

Tem um mastro e dous chaminés, servindo o mastro de antena á telegraphia sem fio do systema Marconi.

A sua torre de commando, á prova de bala de fuzil, está collocada á vante, e no seu interior estão installados todos os aparelhos de governo e direcção do navio.

As acommodações para os officiaes acham-se á ré, constando de uma cabana para o commandante, tres camaras para officiaes, uma para o machintista-chefe e um alojamento para sub machinistas.

O casco é de aço de alta tensão.

O *Pará* ancorou ás 5 e 1/4 da tarde, no quadro dos navios de guerra.

Annunciado pelo Observatorio do Castello ao Norte, em Cabo Frio, á 1 hora e 20 minutos da tarde, transpez a barra ás 5 horas.

Marchava com uma só caldeira e, apesar disso, ancorou, por completo, ás 5 1/4, entre o *Barroso* e o *Deodoro*, mais perto deste.

Para ahí chegar, o *Pará* penetrou bem pelo canal e na mesma marcha e, quando enfrentou a boia que demandava fez uma bella curva de curto raio, parando rapidamente.

O navio, que tem a pópa altaneira e chaminés curtas, veio pintado de preto.

Não houve na viagem maior alteração do excellente estado sanitario da guarnição, senão a morte por insolação, no dia 10, de um marinheiro.

Immediatamente, depois do medico da Saude do Porto, o Sr. Dr. Azevedo ter dado livre pratica ao *Pará*, o representante do *Jornal do Brazil* apresentou ao Sr. Capitão de Corveta Felinto Perry a boas-vindas.

Logo depois de ancorado foi o navio visitado pelos ajudantes de ordens do *Barroso*, *Deodoro* e outros vasos de guerra, e por varias embarcações com amigos e parentes da affiliação.

O navio traz rapidos automoveis, que, logo depois delle ancorar, forram arriados com maestria e manobraram.

Ao que nos consta o Sr. Ministro da Marinha vai determinar o dia para que o *Pará* seja visitado pelo publico, ansioso por conhecer de perto essa unidade naval da Armada.

Toda a guarnição do *Pará* é brasileira.

O *Pará*, tendo sahido da Bahia ante-hontem ao meio-dia, e chegando a este porto hontem, ás 5 horas da tarde, fez a viagem em vinte e nove horas.

(Do *Jornal do Brasil*)

Indios Bororós

De regresso para Matto-Grosso chegou a esta cidade pelo trem mixto de 30 de Outubro a banda de musica dos indios bororós que, sob a direcção do humanitario sacerdote Padre Malan, esteve por alguns dias no Rio de Janeiro em visita á Exposição Nacional.

Graças ao espirito patriótico da mocidade francana, foi preparada condigna recepção a esses nossos patricios e aos seus educadores, idéa essa que encontrou franco auxilio e apoio de toda a população desta cidade.

Assim, foram os bororós recebidos na Estação Mogyana por grande massa popular e pelas corporações musicas — *Banda do Granio e Philharmonica Tristão* que os acompanharam até a cidade, sendo no percurso queimada grande quantidade de foguetes.

No coreto do Jardim publico a banda dos bororós executou o hymno nacional e a entusiastica marcha *Partida para Matto Grosso*, recebendo ao terminar essas peças, vivas saudações por parte do publico que enchia o Jardim e ruas vizinhas.

Sempre acompanhados pelo povo, d'alli seguiram os bororós para a casa do Revmo. Padre Luiz Conrado, vigário desta cidade, onde lhes foi servida farta meza de quitandas, chá e diversas bebidas.

Em seguida dirigiram-se para o theatro Santa Clara, a fim de assistirem e tomarem parte no festival artistico organizado em seu beneficio pelo *Grupo Dramatico Francano* e ao qual compareceram grande numero de Ex.^{mas} familias da nossa melhor sociedade.

Por essa occasião fallou em nome da commissão de festejos o sr. Urias do Nascimento saudando os nossos hospedes pa-

trictos e aos seus dignos e abnegados preceptores, sendo nisto secundado pelo Professor sr. Sabino Loureiro, produzindo ambos eloquentes orações.

O Rev.^{mo} Padre Malan, chefe da missão de catechese, em phrases repassadas de emoção agradeceu o acolhimento festivo e bondoso que o povo francano lhe fazia e aos seus companheiros e discipulos.

Hontem, pelo trem expresso, seguiram os bororós para Uberaba.

Aos vigorosos fillos das selvas e aos seus benemeritos educadores, que tão boas impressões nos deixaram, desejamos feliz viagem, cercada sempre das commodidades e do respeito a que têm direito de todos os brasileiros.

(Da "Tribuna da Franca").

Lançamento ao mar do «Scout» brasileiro «Bahia»

A 20 de Janeiro, foi lançando ao mar o novo scout da marinha de guerra brasileira *Bahia*.

O acto foi assistido por varias autoridades e por membros da colonia brasileira que vieram especialmente de Londres.

Servia de madrinha do *Bahia* a esposa do commandante dessa nova unidade brasileira, capitão de fragata Altino Corrêa, representando a esposa do dr. Araujo Pinho, governador do Estado da Bahia.

Madame Corrêa, quebrando a garrafa de *champagne* de estylo, baptizou o vaso de guerra.

O *scout* deslizou suave e serenamente entre reclamações e *hurrahs* e ao som do hymno nacional, tocado por uma banda de musica.

Seguiu-se um *lunch*, no qual tomaram parte cerca de quinhentas pessoas.

Estiveram presentes officiaes de marinha brasileiros, inglezes e japonezes, familias da melhor sociedade de New Castle e sr. Manuel Abad, correspondente do *Jornal do Brazil* e do *São Paulo*.

Presidiu a mesa o contra-almirante Huet Barcellar, chefe da fiscalização das novas construcções navaes brasileiras, tendo a sua senhora à direita e à esquerda o sr. Folkener, vice-presidente da companhia Armstrong.

O sr. Folkener fez um discurso descrevendo o navio que acabava de sahir dos estaleiros e enumerando os factos mais notaveis da historia da Bahia.

Respondou o contra-almirante Baeel-

lar, salientando a belleza do *scout*, no qual a par de uma perfeição impecavel de linha, figura o nome de um dos principaes e mais gloriosos Estado do Brazil.

A Bahia, proseguiu o official brasileiro, conta uma longa tradição de honra desde os velhos tempos coloniaes.

São Salvador foi a primeira capital do Brazil e foi o theatro das nobilissimas luctas pelas quaes a terra de Santa Cruz obteve a sua nacionalidade.

A Bahia viu os signaes de independencia, quando o Brazil, sahindo as ultimas tropas portuguezas, se tornou uma nação autonoma.

Em todas as emergencias da historia a Bahia contribuiu para a gloria do Brazil.

Rematando o seu discurso disse o contra-almirante Bacellar.

«O *scout Bahia* terá a honrosa incumbencia de sustentar as esplendidas tradições do Estado que lhe deu nome».

Em seguida a sua taça, bebendo á saude de madame Altino Corrêa, digna representante de madame Araujo Pinho e de sir Andrew Noble director dos estaleiros de Yarrow.

Calcula-se em cinco mil o numero de pessoas que assistiram ao lançamento do *Bahia*.

Foi considerada uma cortezia especial o comparecimento de sir e lady Noble, ambos ainda em convalescença, o primeiro de uma grave enfermidade e a ultima de ferimentos recebidos por occasião de um accidente que se deu quando passeiava em sua carruagem.

Entre as pessoas presentes no *lunch*, notavam-se os srs. contra-almirante Huet de Bacellar e senhora, capitão de fragata Altino Corrêa e senhora, Gomes Ferraz, senhora e filhas, Vasconcellos e senhora engenheiro Rosauro de Almeida, director das construcções do *Lloyd Brasileiro*; Bartholomeu da Silva e senhora, Albuquerque Cavalcanti, capitão de mar e guerra Baptista das Neves, capitão-tenente Jorge Americano Freire, primeiro tenente José Eduardo de Macedo Soares e senhora, Alvaro Porto e senhora, Moreira e senhora, Folkner, almirante Bianchi, chefe das construcções navaes argentinas, capitães da armada ingleza Lloyd, Honner e Moses e um frade dominicano.

Os convidados foram conduzidos aos estaleiros em trem especial.

(Do S. Paulo)

Coisas do Arco da Velha

«Espectaculo que, de certo, tão cedo não se apagará da mente de quantos acanharam de presenciar-o, é o da passagem por esta cidade dos selvícolas Boróros.

Essa banda de musica de indigenas, que o Padre Malan acaba de levar ao Rio de Janeiro, representa para quantos sabem aquilatar o valor da empresa—um verdadeiro *tour de force*.

Arrancar ás selvas o que a ellas pertencia e para ellas sempre vivem; levar, enfim dos sertões de Matto-Grosso, á Capital da Republica uma banda de musica de selvagens, é, realmente, para causar estupefacção, de par com as mais vibrantes demonstrações de entusiasmo de todos os brasileiros!

E é isso, precisamente, o que não tem faltado por toda a parte, por onde tem passado, ao Padre Malan e seus benemeritos companheiros de missão de catechese.

Essas feitas que por toda a parte se têm feito nos evangelisadores das selvas com o resultado dos seus proficuos trabalhos, não são um incentivo á continuação da grandiosa cruzada do Bem.

Não, que de encorajamento e incentivo não precisam esses verdadeiros heroes da Religião, e de uma religião que só ella os dá.

Que de heroismo e de abnegação, nessa evangelisadora missão dos Irmãos Salesianos!

Que sublime lição nos apresenta, ao mundo pseudo civilisado, essa banda de musica que tanta revolução causou nas capitães!

São justas e merecidas as homenagens prestadas aos dignos sacerdotes, nessas manifestações cívicas que nascem espontaneas do coração do povo agradecido.

Continuem elles, fortalecidos pelo conforto da gratidão nacional, a obra de humanidade e religião a que se impuzeram de corpo e alma, com todas as forças de uma abnegação de que só o Christianismo dá exemplos na historia.

E que Deus os acompanhe atravez das selvas dos nossos invios e illimitados sertões! »

Macro.

«Retornam aos seus lares amados, ás florestas magestosas, onde felizes e livres vivem, os indios boróros que, dirigidos pelo benemerito Padre Malan, por muitos

dias permaneceram na Capital Federal provocando a admiração popular e demonstrando o quanto podem a abnegação e a caridade desses novos Anchiétas que, em sertões longínquos, expostos a perigos e sacrifícios, andam na sagrada missão da catechese, devotados a chamar ao seio da civilização milhares de genuínos e inconscientes brasileiros que povoam as penedias adustas e as incultas regiões sertanejas.

Santo causa a desses sublimes apóstolos do bem!

Que maior serviço pode ser prestado á humanidade do que esse a que se entregam, desinteressados e resolutos, esses obreiros da fé, esses preceptores de selvícolas, que dia a dia vão chamando ao convívio social centenas de seres vigorosos e aproveitáveis?

Ha poucos dias notavel homem de letras censurou judiciosamente o erudito Sr. Dr. Hermann von Ihering, pelo facto de haver este affirmado que os indios civilizados, formando um impecilio para a colonisação das regiões do sertão que habitam, deveriam ser exterminados!

Os bororós, que hontem partiram desta cidade em caminho das terras uberrimas e dos poeticos sitios onde nasceram, são o protesto mais vivo e mais eloquente ás maldozas theorias do illustre Sr. Dr. Hermann.

Esses indios, que se mostram tão intelligentes e docéis aos ensinamentos do Padre Malan, já têm e vão prestando, na região em que habitam, excellentes serviços á causa publica e particular e constituem igualmente um bom elemento para a implantação do trabalho e da ordem nas desertas paragens onde labutam satisfeitos e na mais amavel convivencia com aquelles que os estão educando caridosamente, tornando-os uteis e humanos.

Em face desses homens, hontem bravios e temidos e hoje mansos e queridos; conversando com o amavel Padre Malan sobre os seus brandos processos de catechese e as qualidades affectivas dos selvagens, senti-me fortalecido nas minhas crenças de que não ha colonisação que mais nos convenha para o povoamento do solo patrio do que a selvícola.

E não menos consolado fiquei em reconhecer que, apesar das absurdas opiniões de scientistas que aconselham guerra de morte aos primitivos povoadores das brasileiras florestas, ainda ha quem vota aos filhos das selvas dedicada affeição e caridoso amor.

Ah! como me fizeram bem as palavras que ouvi do abnegado Padre Malan com relação ao procedimento e sentimentos dos bororós; como fiquei amando esses meus vigorosos patricios que, alegres e contentes, retornam aos lares amados, ás florestas magestosas, ende felizes e livres vivem dirigidos por aquelle bondoso homem e constituem seguras garantias para o glorioso futuro da Patria!...

JAL.

(Da Tribuna da Franca.)

Os Bororós

« Pelo trem mixto do dia 3 do corrente, em carro reservado, chegou a esta cidade a interessante banda de musica composta de indios bororós catechizados, que esteve no Rio de Janeiro exhibindo-se na Exposição Nacional.

Com o fim de aguardar a sua chegada achava-se na *gare* da Mogyana uma multidão de povo composta de representantes de todas as classes sociaes e da banda local Euterpe Municipal.

Chegado o trem, firmou-se um enorme prestino em seguimento dos indios que desceram a rua da Estação e rua Tiradentes até a casa onde se hospedaram, tocando sempre variadas peças.

Acompanham os indios o chefe da missão salesiana de catechese em Matto Grosso, revd. padre A. Malan, e os revds. missionarios catechistas João Balzola, Carlos Pereto e Luiz Montuschi, directores das colonias do Sagrado Coração de Jesus, de Maria Santissima e de S. José.

Até esta cidade vieram tambem os revds. padres Antonio Dela Via, director do Gymnasio de Lorena, e Frederico Gioia, do collegio de Guaratinguetá, que já regressaram.

Os bororós deverão seguir já para Matto Grosso, fazendo uma enorme viagem á cavallo e formando uma grande comitiva.

O Araguay cumprimenta os intelligentes e puros brasileiros em sua passagem por esta cidade, fazendo votos por resultados beneficos á Patria e á civilização da catechese que os illustres missionarios salesianos se empenham em fazer nos longínquos sertões de Matto Grosso. »

(Do Araguay)

A Noroeste

Em meados do corrente Março sera inaugurado o novo trecho ferro viario da Estrada de Ferro Noroeste do Brazil, entre Bauré e Itapura.

Este trecho tem o desenvolvimento de 440 kilometros.

A segunda secção, que vai de Corumbá a Itapura, tem os trabalhos muito adelantados entre Corumbá e Porto Esperança, nas margens do Paraguay, numa extensão superior a dezoito leguas.

O sr. ministro da Viação espera que a Noroeste esteja toda construida na extensão de 233 leguas, no dia 31 de Outubro de 1910.

Bororós

«Chegaram terça-feira á esta cidade, acompanhados do reverendissimo padre M. Malan e outros sacerdotes da Ordem Salesiana, os indios da tribo Bororós, que constituem a banda de musica que se exhibiu na Exposição Nacional.

Muito antes da chegada do trem se achava apinhada a *gare* da estação e numerosos populares que aguardavam a sua chegada, achando-se alli tambem muitas pessoas gradas, entre as quaes os srs. tenente-coronel presidente e agente executivo, revdmo. padre Joaquim A. de Amorim, redactores do *Araguary, Cidade, Gazetinha* e a excellente corporação musical *Euterpe Municipal* dirigida pelo nosso amigo Franklin de Almeida e regida pelo maestro F. Cabral.

Logo apitou a locomotiva rompeu em marcha triumphal a *Euterpe*, que saudava a chegada dos Bororós.

Desembarcades, executou a banda dos Bororós escolhida peça seguindo, acompanhada da multidão, e da *Euterpe Municipal* para a casa que lhes estava destinada, executando ambas as bandas alternadamente escolhidas peças, dissolvendo-se a multidão logo que tomaram seus aposentos na casa destinada aos Bororós.

Foi, pois, bem significativa a recepção que tiveram do povo de Araguay, devendo daqui levar as melhores impressões.

(Da *Cidade de Araguay*, 3 de Novembro)

Automusicographo Barbieri

O problema da realidade de um apparelho automatico que escrevesse a musica

executada sobre um instrumento de teclado, é finalmente um facto. A resolução do difficil invento é merito do Rev. P. A. Barbieri di Marudo (Lodi), que ideou e construiu uma machina, denominada pelo autor — Automusicographo Barbieri, a qual serve perfeitamente para o fim proposto.

Ficamos admirados pelo magnifico resultado desta nova invenção. Diversas das que foram tentadas com transmissões electricas custosas e pouco praticas, esta resolve a questão de modo inteiramente mechanico aproveitando a primeira energia communicada á tecla, pelo dedo.

A machina é composta de duas partes bem distinctas: 1.^a o assim chamado *tear de transmissão*, 2.^a o *apparelho escriptor*.

O 1.^o aproveitando o movimento de elevação da tecla sob a pressão do dedo, leva a preciosa energia resultante ao apparelho escriptor, que, por sua vez a transmite aos *caracteres impressores* que registram as notas de um modo perfeito sobre o papel que se desloca para a frente.

Maravilhosa é a precisão com que o apparelho reproduz as ligaduras, os estaccatos, as notas pontadas e os embellezamentos em geral.

A facilidade pratica da interpretação dos novos signaes impressos é tal, que liamos em algumas horas quasi como com os signaes normaes.

O apparelho é pequeno e simples de tal modo que pode ser applicado sem alteração alguma de qualquer piano-forte.

Barbieri foi coadjuvado na construção pelo mechanico Sr. Grossi nas officinas A. Mariani em Milão.

Para garantia e seriedade, podemos assegurar que o afortunado e bravo inventor esta em accordo com uma importantissima casa pariziense. Ao nosso egregio e caro amigo os nossos melhores augurios e as nossas congratulações.

(Do *Pro Familia*).

Missa dedicada á colonia brasileira

ROMA 5 -- O Reverendo Padre Salesiano Aquino Corrêa celebrou hoje uma missa na Capella Brasileira da Igreja de S. Joaquim, dedicada á colonia brasileira.

Entre as pessoas presentes achavam-se as familias Bruno Chaves, Niemeyer, Pinto de Almeida, Fonseca Neves, Lahmeyer e Amaral.

(Do *Jornal do Brazil* 6 de Fevereiro)

Necrologia

Revmo. P. LUIZ ROCCA

Fallecido em Turim (Italia) a 21 de Janeiro de 1909

A Pia Sociedade Salesiana está de luto.

Depois da terrível catastrophe de Messina, que destruiu totalmente o Collegio Salesiano alli existente, perecendo nove professores e trinta e oito alumnos, foi surprehendida pelo sensível fallecimento de um dos principaes superiores: o Revmo. P. Luiz Rocca, Economo geral da Pia Sociedade Salesiana.

Ao descer as escadas depois de ter visitado um doente, foi ferido de morte por um ataque apoplectico. Transportado immediatamente ao Oratorio Salesiano, entregava sua alma ao Creador, trinta e seis horas mais tarde.

O Revmo. P. Miguel Rua lhe administrou os ultimos Sacramentos.

Nascêra em Milão em 1853.

Aos quinze annos entrou no Oratorio Salesiano sob a direcção do Veneravel P. Bosco. Chamado por Deus a ser Salesiano, dedicou-se com todo amor ao estudo, e foi ordenado sacerdote no anno de 1875.

Pouco depois recebeu o gráu de Doutor em sciencias phisicas e mathematicas.

Professor e em seguida Director do Collegio Municipal da cidade de Alassio, foi chamado em 1895 para ser membro do Capitulo Superior da Pia Sociedade Salesiana.

Como Director do Observatorio Meteorologico do Lyceu de Alassio, mereceu encomios extraordinarios pelos importantes estudos e observações sobre o terremoto da Liguria em 1887, e salientou-se entre os illustrados membros do Congresso Geographico de Veneza.

Os principaes Engenheiros, Architectos e Artistas de Turim e Roma muito o apreciavam pelo extraordinario gosto artistico que revelava.

Contudo, mais do que a admiração, soubo ganhar a amizade de todos os que com elle tratavam, pela sua affabilidade e franqueza caracteristicas: «Era un gran cuore che vivera non per se, ma per gli altri. Era um grande coração que vivia não para si, mas para os outros!» Esta phrase synthetiza toda a vida activissima de Sae. Prof. Luiz Rocca.

Roguemos por sua alma! e tambem roguemos para que Deus envie á Pia Sociedade Salesiana outros apostolos da tempera dos que vão desaparecendo.

OBSERVAÇÕES FEITAS AS 0^h M. DE GREENWICH NA ESTAÇÃO CENTRAL DE RIO DE JANEIRO E TRANSMITTIDAS DIARIAMENTE AO OBSERVATORIO

"D. Bosco"

Lat.—22° 54' 32" S. Long.—43° 10' 34" W Grw. Altitude=64^m,159
Hora local 9 h. 07^m a.

Janeiro 1903	BAROMETRO A 0"	TERMOMETRO						VENTO		ESTADO ATMOSFERICO	METEÓROS	NUVENS QUANTIDADE	CHUVA
		Secco	T—T'	HUMIDADE RELATIVA	TENSÃO DO VAPOR	MAXIMA	MINIMA	OSCILLAÇÃO DA TEMPER.	DIRECÇÃO				
1	57.80	24.3	2.2	82	18.42	26.2	21.2	5.4	NNE	3	b	x	7
2	58.30	24.2	1.1	90.5	20.93	26.8	21.6	5.2	NNE	1	b	ntb	9
3	54.90	24.5	1.6	86	19.55	27.2	21.9	5.2	NNW	1	b	ntb	2
4	52.30	26.2	3.2	75	18.91	29.7	21.5	8.2	WSW	1	i	ntb	10
5	52.90	26.2	4.1	68	17.25	30.2	23.5	6.7	W	1	i	x	9
6	52.40	25.6	2.8	77	18.89	30.2	23.3	6.9	N	2	i	x	10
7	50.40	23.9	1.2	90	19.76	30.7	23.0	7.7	S. h	2	i	chs	10
8	51.30	24.2	1.2	90	20.15	25.0	23.0	2.0	ENE	4	i	chs	10
9	52.70	26.5	3.2	75	19.30	25.8	22.5	3.3	WNW	3	b	x	6
10	53.30	25.4	2.3	81	19.54	30.5	22.0	8.5	N	2	enc	ntb	10
11	54.40	24.1	1.7	85.5	19.09	28.7	22.2	6.5	W	2	b	—	8
12	54.50	24.0	1.5	85.0	18.79	31.5	22.0	9.5	NNE	3	i	—	10
13	56.30	27.1	3.2	75.0	20.08	30.5	21.8	8.7	N	2	b	ntb	1
14	55.10	25.1	2.6	79	18.60	29.1	21.1	8.0	W	3	enc	ntb	10
15	52.30	27.8	5.2	61	17.15	31.2	22.8	7.4	ESE	2	b	x	5
16	55.20	28.4	5.6	59	17.17	33.4	24.7	8.7	WSW	3	i	x	9
17	58.00	26.3	2.3	81.5	20.76	30.7	24.0	5.8	NW	2	b	ntb	8
18	56.40	27.6	4.8	64	17.66	29.5	24.0	5.5	NE	1	b	ntb	4
19	53.40	25.3	3.6	76	18.17	30.8	22.8	8.0	WNW	1	inc	ntb	4
20	51.90	25.0	2.0	83	19.65	28.8	23.4	5.4	WNW	1	enc	e. s.	10
21	53.80	22.8	1.4	88	18.11	27.1	20.5	6.6	WNW	2	i	chs	10
22	54.10	23.0	0.8	70	19.95	24.3	20.7	3.6	S	2	m	ch.	10
23	54.80	25.7	1.7	86	21.13	25.5	21.0	4.5	SE	2	i	e. s.	10
24	56.00	25.1	1.4	38	21.95	26.6	22.2	4.4	NNW	2	b	ntb	5
25	58.20	27.8	2.7	79.5	21.82	27.8	22.0	5.8	SSE	1	b	ntb	5
26	59.76	28.4	3.0	77	21.25	29.6	24.0	5.6	NE	2	b	ntb	5
27	57.90	27.4	2.4	81	22.06	28.9	23.6	5.3	NNE	2	b	ntb	3
28	58.20	28.6	4.2	69	20.15	30.0	23.5	6.5	NE	2	b	nt	1
29	55.60	27.7	2.8	79	21.71	30.5	23.5	7.0	NNW	2	b	nt	0
30	56.90	30.8	5.0	65	21.58	34.8	24.0	10.8	SE	3	b	x	3
31	56.50	27.9	2.8	79	21.56	31.7	23.4	8.3	NNE	2	b	e. s.	6
MED.	54.94	25.3	2.6	78.4	19.54	29.1	22.5	6.4	—	1.6	—	—	7.0

Observações particulares

Distinguio-se este mez por 14 boas chuvas; quasi todas forão accompanhadas por trovões e relampagos: salientaram-se por notavel duração os dias 4, 7, 19, 20, (21 todo o dia,) 22, 23, 30.

Observatorio meteorologico "D. Bosco"

DEPENDENTE DO LYCEU SALESIANO DE ARTES E OFFICIOS

Em Curitiba, Estado de Mato-Grosso. Director Padre M. G. de Oliveira e Secretario Padre J. M. Thaumuber

Observações feitas durante o mez de Dezembro de 1908.

ALTITUDE DA LOCALIDADE: 235^m.02 LATITUDE: 15° 35' 49" LONGITU-
DE: 12° 50' 7" (Occ. do Rio.)

N. DE OBSERVAÇÕES POR DIA: Às 7 a. m., Às 2 e 9 p. m. HORA LOCAL

TABELLA 1

Dezembro 1908	PRESSÃO BAROMETRICA reduzida à 0° cent. + 760 ^m /m					TEMPERATURA CENT. A' SOMBRA				TEMP. sol Oscilação	HUMIDADE relativa			
	7 a.m.	2 p.m.	9 p.m.	Media	Oscil.	Media	Max.	Min.	Oscil. da temp.		7 a.m.	2 p.m.	9 p.m.	Media
1	13.72	42.10	42.52	42.78	1.82	29.3	33.4	26.5	6.9	9.0	77	80	65	67.3
2	44.46	41.94	43.67	43.35	2.52	28.6	32.0	26.5	5.5	3.7	75	63	75	71.0
3	44.57	42.00	44.02	43.53	2.57	28.7	28.7	24.6	4.1	5.6	90	82	73	81.6
4	44.73	43.36	44.85	44.28	1.49	26.3	28.8	25.0	3.8	9.1	82	75	82	79.6
5	43.12	44.63	44.19	43.98	1.51	26.6	30.7	24.5	6.4	8.5	83	71	52	68.6
6	44.04	42.24	43.48	43.25	1.80	27.2	30.3	25.6	4.7	7.5	87	71	86	81.3
7	45.12	47.46	42.71	45.12	4.75	26.6	30.2	24.2	6.0	8.7	90	78	84	84.0
8	43.95	42.69	42.36	43.12	1.59	27.9	32.3	25.3	7.0	8.6	84	66	80	78.6
9	43.15	43.25	42.23	43.11	0.32	27.5	32.2	23.6	8.6	10.0	83	65	76	74.6
10	44.63	43.92	43.78	44.06	0.33	26.4	29.3	24.7	4.6	5.7	82	81	84	82.5
D ^a 1	44.14	43.35	43.44	43.64	1.85	27.5	30.7	25.0	5.7	7.6	84.3	71.2	75.7	76.6
11	43.07	42.15	42.31	42.51	0.92	26.2	28.0	25.0	3.0	3.8	80	80	85	81.6
12	43.23	40.86	41.17	41.75	2.37	26.5	31.3	23.9	7.4	10.6	38	63	72	74.3
13	42.27	43.55	42.77	42.19	1.22	26.8	30.0	24.5	5.5	1.5	82	75	75	77.3
14	43.43	43.17	45.58	43.41	0.41	26.9	32.0	24.0	1.8	7.5	90	63	80	77.6
15	44.72	43.20	42.81	43.61	1.81	25.8	30.5	25.0	5.5	11.4	87	64	74	75.0
16	43.54	41.14	42.66	44.44	2.10	27.3	30.6	25.0	5.6	9.9	79	63	73	71.6
17	44.18	43.61	43.94	43.91	0.57	27.1	30.0	25.5	4.5	8.0	68	78	77	74.3
18	45.81	44.70	45.23	41.91	1.11	27.3	30.5	24.8	5.7	6.0	32	65	89	78.3
19	45.62	43.10	44.91	44.54	2.52	28.4	33.5	26.0	7.5	13.7	84	56	78	72.3
20	45.71	44.23	44.15	44.69	1.56	28.6	33.0	25.7	7.3	10.7	81	57	78	78.6
D ^a 2	44.16	42.77	43.36	43.29	1.45	27.0	30.9	24.9	5.33	8.2	81.9	66.4	78.1	76.0
21	45.81	43.94	45.00	45.25	0.87	28.6	32.7	25.5	7.2	9.7	73	54	73	66.9
22	46.48	44.03	44.59	45.03	2.45	28.5	31.4	27.0	4.4	4.4	81	75	71	76.6
23	45.57	43.52	44.45	44.50	2.05	26.0	34.0	26.5	8.5	15.0	80	51	73	68.0
24	45.74	44.22	44.76	44.30	1.52	25.1	32.7	24.2	7.5	11.2	77	58	70	66.6
25	45.75	47.80	47.40	48.31	2.35	29.2	32.7	27.2	5.5	11.6	80	59	72	70.3
26	45.30	48.00	48.75	48.35	0.75	28.0	31.6	26.4	5.2	4.4	80	71	73	76.3
27	48.50	47.00	47.56	47.66	1.50	27.3	32.8	23.4	9.4	7.0	72	54	84	70.0
28	49.30	49.25	48.30	48.95	1.00	27.4	32.7	25.0	7.7	0.4	81	82	82	81.6
29	49.75	48.25	48.35	48.78	1.50	26.0	29.0	23.5	5.2	10.0	86	73	80	79.6
30	48.80	47.50	48.00	48.10	1.30	27.0	30.8	25.2	5.6	11.1	81	67	82	71.0
31	48.20	44.60	47.25	46.68	3.60	26.9	31.1	23.7	7.4	7.1	88	65	75	76.3
D ^a 3	47.83	46.28	46.73	46.94	1.71	27.2	31.8	25.2	6.7	8.3	80.1	64.0	77.6	73.9
Mez.	45.37	44.13	44.61	44.62	1.67	27.2	31.1	25.0	5.9	8.0	82.1	67.2	77.1	75.5

Observatorio meteorológico "D. Bosco" — Cuiabá

TABELLA II

Dezembro 1908	VENTO Direcção—Força						NEBULOSIDADE Forma—Fracção						CHUVA Quantidade	EVAPORAÇÃO em 24 horas		
	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	Media	Abrig.	Exp.							
1	N	3	NW	6	NE	6	Cn-S	9	Kc	7	Cs	4	6.6	—	2.4	10.1
2	N	2	N	3	—	0	SK	6	Kn	10	N	10	8.6	—	1.4	7.2
3	N	1	N	9	—	0	N	10	SK	8.5	SC	8	8.8	1.8	1.4	4.1
4	N	1	N	1	NNW	1	Sn-S	10	Kn	9	NO	10	9.6	10.1	0.4	2.4
5	N	1	WNW	2	NE	1	C-Sn	10	Kn	8	Cn	9	9.0	—	0.4	6.0
6	—	0	N	1	—	0	Cs	10	Kn	10	N	10	15.0	2.7	1.6	5.2
7	W	1	N	1	—	0	Cs	10	Cn	8	Cn-S	7	8.3	—	1.0	4.5
8	—	0	SE	1	—	0	N-Cs	5	K	5	S	8	6.0	—	1.1	6.4
9	N	1	N	1	E	1	C	6	C-Kn	9	C-Kn	7	7.3	—	2.0	9.0
10	S	1	N	1	—	0	N	9	C	10	N	10	9.6	2.0	1.0	2.4
D: 1	N-	1.1	N	3.0	NE	1.6	var. S, 5	Kn	8.4	C-n	8.3	8.3	10.6	—	1.2	5.8
11	—	0	N	1	—	0	Kn	10	C-Kn	3	N	10	9.3	—	0.6	2.2
12	SE	1	N	2	—	0	Kn	9.5	Kn	9	N	4	7.5	—	1.7	7.2
13	—	0	N	5	N	3	Cn	8	Kn	9	Kn	7	8.0	—	1.4	5.5
14	SE	1	NW	2	—	0	C	1	»	8	Kc	8	5.6	—	1.8	7.0
15	NNW	2	»	5	N	2	Kn	3	K-Kn	8	K	5	5.3	—	1.8	7.1
16	NW	2	»	4	N	2	Cn	9	K-SC	9	Cs	0	8.0	—	1.8	9.3
17	NW	2	»	4	N	3	Kn	10	K-N	9	S	3	7.3	—	1.6	4.0
18	N	1	»	3	—	0	Cs	10	Kc	10	NS	6	8.6	—	1.6	6.8
19	NW	2	N	3	—	0	Kc-S	9	K	3	N	9	8.6	9.9	2.4	6.8
20	WNW	2	NNW	2	NNE	3	Cs	10	Kc	10	N	3	7.6	—	2.3	9.6
D: 2	NW	1.3	N	3.1	N	1.8	Kn	7.9	K	8.8	N	6.1	7.5	9.9	17.0	65.5
21	N	0	NW	10	—	0	C	1	Kn-C	5	N	6	4.0	—	2.6	8.8
22	NW	1	NE	2	—	0	C	5	Kn	9	—	0	4.6	—	1.6	3.3
23	N	1	W	2	NW	5	C	8.5	Kc	7	N	6	7.1	—	2.8	10.6
24	—	0	NW	3	—	0	C	7	Cs	4	S	2	4.3	—	2.6	10.6
25	—	0	SE	8	—	0	SC	1.0	Kn-C	9	NS	5	8.0	—	2.0	7.6
26	N	1	S	2	—	0	Ks	1.0	Kn	10	NS	8	9.3	—	1.7	5.8
27	—	0	N	3	—	0	Kc	5	Ks	7	SC	7	6.3	2.1	1.9	6.8
28	NNW	1	NE	—	—	0	Kc	1.0	Kn	10	Sn	4	8.0	39.3	1.2	6.4
29	—	0	S	2	—	0	N	1.0	»	5	Cn	5	7.6	—	1.3	6.4
30	—	0	S	1	—	0	Ck	6	»	9	Sn	8	7.6	5.4	1.6	8.0
31	NW	2	NNW	2	S	1	CN-S	9	»	8	Cs	9	8.6	1.8	1.5	7.0
D: 3	N- NW	0.5	Var.	3.2	NW S	1.2	C- Kc	7.4	Kn	7.8	NS	5.4	6.8	48.2	20.8	81.3
Mez	N- NW	0.9	N-N NW	3.1	N	1.6	C- K	7.9	Kn	8.3	N	6.6	7.5	74.7	50.5	255.1

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Curitiba

TABELLA III

Resumo geral do Mez de Dezembro de 1908						
CORRELAÇÃO dos VENTOS COM os seguintes elementos meteorológicos						
Ventos	N. de vezes q' sop.	Alt. barométrica Media	Temperatura Media	Nebulosidade Media	Humidade Media	
N	25	43.76	27.9	8	73.8	
NNE	1	44.91	27.4	9	78.	
NE	4	44.21	27.6	8	68.5	
ENE	—	—	—	—	—	
E	1	42.93	29.2	7	76.	
ESE	—	—	—	—	—	
SE	4	43.32	27.9	6.1	75.7	
SSE	—	—	—	—	—	
S	5	44.29	27.9	9.0	73.6	
SSW	—	—	—	—	—	
SW	—	—	—	—	—	
WSW	—	—	—	—	—	
W	2	44.35	29.0	8.5	70.5	
WNW	2	43.12	27.5	8.5	73.5	
NNW	6	43.98	28.7	8.1	71.3	
NW	11	43.84	28.0	7.6	69.7	
Calmas	32	—	—	—	—	
Tensão media do vapor atmosferico						
						20 ^m /m59
Humidade relativa media						75 ^m /m5
Evaporação media diaria ao abrigo						1 ^m /m6
Evaporação media diaria ao sol						4 ^m /m6
Maior evaporação diaria ao abrigo						2 ^m /m8
Maior evaporação diaria ao sol						10 ^m /m6
Menor evaporação diaria ao abrigo						0 ^m /m4
Menor evaporação diaria ao sol						2 ^m /m2
Evaporação total ao abrigo						50 ^m /m5
Evaporação total ao sol						205 ^m /m1
Quantidade media mensal do Ozono						—
Maxima da insolação						—
Barometro reduzido á 0° C.						
Pressão media mensal						44.62
Maxima pressão durante o mez						49.75
Minima pressão durante o mez						40.86
Media diaria maxima						48.78
Media diaria minima						41.75
Oscillação maxima diaria						4.75
Oscillação diaria minima						0.32
Oscillação total durante o mez						1.67
Temperatura centigrada ao abrigo						
Media mensal						27.2
Maxima extrema						34.2
Minima extrema						23.4
Media diaria maxima						29.3
Media diaria minima						25.8
Oscillação diaria maxima						9.4
Oscillação diaria minima						1.9
Oscillação total durante o mez						5.9
Temperatura centigrada ao ar livre						
Media mensal						26.9
Maxima extrema						38.4
Minima extrema						20.0
Media diaria maxima						29.8
Media diaria minima						24.1
Oscillação diaria maxima						15.0
Oscillação diaria minima						0.4
Oscillação total durante o mez						8.0
Nuvens						
Formas predominantes						K-N
Quantidade media						7.5
Dias claros						3
Dias nublados						28
Chuva						
Numero de dias com chuva						11
Total de agua recolhida						74 ^m /m7
Altura max. em 24 hrs.						39 ^m /m3
N.º de dias						
Manifestações electricas						15
Trovoadas						13
Nevoeiros						1
Orvalho						9
Dias sem brilho solar						4

OBSERVATORIO METEOROLOGICO "PRESIDENTE ANTONIO PAES DE BARROS"

Dirigido pelos R. R. P. P. Salesianos em Araguaya — Matto-Grosso

Observações feitas durante o mez de Outubro de 1908

Altitude approximada da Localidade: 488.^m—Latitude approximada: 15° 3' S.

Longitude approximada: 8° 2' (W do Rio)

Nº de observações por dia: as 6 a. m., as 2 e 8 p. m. hora local

TABELLA I

Outubro 1908	Pressão barométrica reduzida à 0° cent. + 760 ^m /m					Temperatura centigrada à sombra				TEMP. ao Sol — Oscil.	Humidade relativa			
	6 a.m.	2 p.m.	8 p.m.	Média	Oscil.	Média	Max.	Min.	Oscil. da temp.		6 a.m.	2 p.m.	8 p.m.	Média
1	19.01	17.46	19.90	18.59	2.02	26.90	31.0	22.8	8.2	17.0	73.5	44.0	66.5	61.3
2	18.51	20.29	20.20	19.35	2.06	26.85	31.2	22.5	8.7	15.5	86.0	49.5	70.0	68.5
3	19.25	21.08	19.84	18.72	2.77	24.50	27.0	22.0	5.0	5.8	87.0	83.0	76.0	82.0
4	19.79	19.47	19.44	19.10	1.36	26.00	31.0	21.0	6.0	17.8	83.0	53.0	59.5	61.6
5	18.90	19.24	20.47	18.85	3.27	27.30	31.8	22.8	9.0	16.0	72.0	50.0	63.0	64.0
6	20.36	18.58	19.92	19.63	1.31	24.70	28.8	20.6	8.2	4.0	91.0	67.0	78.0	79.0
7	20.25	19.32	19.68	20.63	0.95	24.00	28.0	20.0	8.0	10.5	86.0	76.0	76.0	79.3
8	20.29	19.18	20.63	20.18	1.01	24.00	27.0	21.0	6.0	10.6	94.0	84.0	79.0	85.8
9	20.31	21.51	20.78	20.25	1.12	24.50	28.2	20.8	7.4	10.2	88.0	74.0	87.0	83.0
10	21.09	20.56	21.23	20.80	1.15	25.50	27.0	20.0	7.0	10.0	89.0	93.0	93.0	91.6
D ^a 1	19.78	18.53	20.20	19.57	1.70	25.22	29.1	21.3	7.7	11.7	85.7	67.4	70.7	76.6
11	20.52	17.46	20.73	19.59	3.27	24.10	24.7	20.2	6.5	8.6	73.0	50.0	63.0	64.0
12	19.11	20.29	20.65	20.01	1.54	24.20	26.6	21.8	4.8	6.2	91.0	69.0	78.0	79.0
13	20.40	21.08	20.32	20.50	0.76	24.85	29.0	20.7	8.3	13.5	86.0	78.0	76.0	76.0
14	21.59	19.47	20.70	20.58	2.12	24.55	28.6	20.5	8.1	17.3	90.0	55.5	92.0	79.1
15	22.49	19.24	20.77	20.83	3.25	22.40	24.8	20.0	4.8	4.8	95.5	89.0	90.0	91.4
16	19.86	18.58	19.97	19.44	1.38	24.05	27.5	20.6	6.9	17.2	95.5	68.0	92.0	85.1
17	20.60	19.32	19.82	19.91	1.28	23.75	27.0	20.5	6.5	12.5	91.0	64.5	74.0	76.5
18	20.46	19.18	20.50	20.04	1.32	24.40	28.0	20.8	7.2	13.0	89.0	66.0	90.0	81.6
19	20.35	21.51	20.38	20.91	1.16	24.55	28.1	21.0	7.1	3.5	89.0	89.0	91.0	86.3
20	21.66	20.56	20.89	21.03	1.10	22.10	24.2	20.0	4.2	20.8	88.5	52.5	93.0	77.8
D ^a 2	20.69	19.66	20.52	19.99	1.71	23.89	27.1	20.6	6.4	11.7	89.4	47.8	83.9	79.0
21	19.97	18.35	21.12	19.81	2.77	24.75	28.5	21.0	7.5	22.5	86.0	61.5	84.0	75.1
22	22.10	16.95	20.43	19.82	5.15	25.00	28.8	21.2	7.6	27.0	79.0	51.0	77.0	69.0
23	17.57	16.46	20.09	18.04	3.63	25.35	28.9	21.8	7.1	22.5	90.0	52.0	65.0	69.9
24	18.48	16.43	19.52	18.14	3.09	24.50	28.0	21.0	7.0	20.3	79.0	51.0	80.0	70.0
25	17.61	16.78	18.96	17.78	2.18	24.15	27.3	20.5	7.3	11.0	81.0	70.0	92.0	81.0
26	18.28	16.61	19.93	18.27	3.32	23.50	27.0	20.0	7.0	23.0	88.0	66.0	77.0	77.0
27	18.31	17.84	20.55	19.63	3.17	25.00	29.0	21.0	8.0	9.5	90.0	73.0	85.0	82.6
28	18.33	17.43	19.82	18.62	2.39	25.40	29.0	21.8	7.2	17.5	84.0	62.5	81.0	75.8
29	18.83	17.33	20.65	18.93	3.32	25.00	29.5	20.5	9.0	13.0	93.0	74.0	79.0	82.6
30	17.78	18.81	20.33	18.30	3.52	25.00	29.6	20.4	9.2	14.0	91.2	62.5	79.0	77.5
31	18.17	17.52	19.96	18.55	2.44	25.30	30.0	21.8	8.2	16.0	90.0	72.5	78.0	80.1
D ^a 3	18.67	17.14	20.13	18.63	3.18	24.86	28.7	21.0	7.7	17.8	86.8	63.2	79.7	76.2
Mez	19.71	18.47	20.28	19.16	2.19	24.65	28.5	20.9	7.9	13.7	87.8	60.1	79.4	77.1

Observatório meteorológico "Presidente Antonio Paes de Barros"

TABELLA II

Outubro 1968	Vento						Nebulosidade				Chuva Quantidade	EVAPORAÇÃO em 24 horas	
	Direção—Força						Forma—Fração					Abrigo	Exposto
	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	Media						
1	calma 0	NE 2	NW 5	S 3.0	KC 6.0	KN 7.8	5.60	—	3.5	10.0			
2	calma 0	W 5	» 2	CN 6.0	CN 6.0	SK 8.0	7.33	—	5.8	10.2			
3	calma 0	» 0	E 2	SK 9.0	SK 9.2	SN 8.0	8.40	—	3.5	6.0			
4	calma 0	» 0	» 0	KN 9.0	» 8.0	K 8.8	8.26	—	3.5	8.0			
5	calma 0	NE 3	E 1	SK 5.0	» 6.0	S 9.0	6.66	12.0	3.6	9.5			
6	S 5	S 1	E 1	SC 9.0	NK 1.0	S 1.0	6.66	—	2.5	10.0			
7	calma 0	» 0	» 0	SK 10.0	SN 1.0	SK 6.0	8.66	—	2.5	6.2			
8	calma 0	SW 5	S 4	C 8.0	SK 8.0	KN 3.0	6.33	10.0	2.8	6.5			
9	calma 0	SE 3	E 4	SC 7.0	KN 9.0	» 8.3	8.10	25.0	2.6	6.8			
10	calma 0	SW 5	SW 4	SN 9.0	SN 9.5	SN 8.0	8.66	—	1.2	3.5			
D ^o 1	S 0.5	NE SW 2.4	E 2.6	SK 7.3	SK 8.1	KN 6.7	7.46	47.0	31.5	76.7			
11	calma 0	calma 0	SW 4	C 5.0	SK 9.0	N 10.0	8.00	2.5	1.5	5.8			
12	calma 0	NW 8	SW 3	SK 9.0	KN 1.0	KN 3.0	9.33	—	2.2	5.6			
13	calma 0	NW 2	E 1	CS 8.0	K 6.0	KN 8.0	7.33	30.2	1.0	4.5			
14	calma 0	calma 0	SW 4	SK 8.0	NK 8.0	N 10.0	9.00	—	0.7	3.8			
15	calma 0	calma 0	NW 2	SK 1.0	S 10.0	SK 8.0	9.33	95.0	0.8	4.6			
16	calma 0	NW 1	SW 5	S 10.0	SK 4.0	SK 7.0	7.60	—	0.8	4.5			
17	calma 0	calma 0	E 1	S 8.0	S 5.0	SK 7.0	6.66	—	1.2	5.5			
18	calma 0	calma 0	S 1	SK 6.0	K 8.0	NK 9.0	7.66	5.5	2.0	7.0			
19	E 1	S 1	calma 0	K 10.0	SK 1.0	SK 8.0	9.33	2.5	0.5	0.0			
20	calma 0	W 1	calma 0	C 10.0	N 2.0	SK 7.0	3.33	65.0	1.3	5.8			
D ^o 2	E 0.1	NW 1.4	SW 2.1	SK 7.6	SK 7.2	SK 8.3	7.69	200.7	12.0	47.1			
21	calma 0	W 1	calma 0	S 0.6	N 4.0	S 2.0	2.2	—	2.6	9.0			
22	calma 0	calma 0	calma 0	S 0.8	SK 4.0	S 1.0	1.9	—	2.8	9.6			
23	calma 0	N 2	SE 1	S 0.8	N 5.0	SK 2.0	2.6	—	2.9	9.5			
24	calma 0	W 1	SE 2	S 3.0	SK 7.0	» 2.0	6.0	9.0	2.2	9.0			
25	calma 0	calma 0	S 2	SK 1.0	S 5.0	SN 7.0	7.3	—	1.8	5.6			
26	calma 0	calma 0	SE 3	SC 8.0	K 6.0	SK 8.0	7.3	—	2.3	7.2			
27	calma 0	NE 8	ESE 2	SK 9.5	SK 1.0	KN 9.0	9.8	—	2.0	5.2			
28	calma 0	E 2	calma 0	SC 5.0	» 3.0	SK 4.0	5.0	3.8	2.1	5.5			
29	calma 0	NE 2	calma 0	SK 1.0	» 1.0	» 4.0	3.0	16.8	1.5	3.2			
30	calma 0	N 3	calma 0	SN 9.0	KN 8.0	» 5.0	7.3	—	2.2	5.5			
31	calma 0	calma 0	SE 3	SK 9.0	SN 8.0	» 6.0	7.6	—	2.2	5.8			
D ^o 3	calma 0	NE W 1.7	SE 1.1	S SK 5.9	SK 6.6	SK 5.0	5.9	29.6	24.6	75.1			
Mez	S 0.2	NE 1.8	E 1.9	SK 6.9	SK 7.3	SK 6.5	7.0	276.6	68.1	198.9			



Grande de Pedro Américo

FORTE DO ITAPIRÁ

Contato travado junto as trincheiras entre as forças
portuguesas e o 2.º corpo de Voluntários da pátria

Cunhonheira

Greco

Cunhonheira

Henrique Martins

Trincheiras

BATERIA

localizada na ilha pela Comissão d'engenheiros sob a direção
do Tenente Coronel Dr. José Carlos de Carvalho

REVISTA SANTA CATARINA

O ATAQUE DA ILHA DA REDENÇÃO